

UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA

KAREN CRISTINA REZENDE

DICOTOMIA ENTRE O “BOM” E “MAU” ALUNO: PERSPECTIVA DOS ESTUDANTES
DE EDUCAÇÃO FÍSICA - GRAU LICENCIATURA DA UNIVERSIDADE FEDERAL DE
UBERLÂNDIA

Uberlândia-MG
2023

KAREN CRISTINA REZENDE

DICOTOMIA ENTRE O “BOM” E “MAU” ALUNO: PERSPECTIVA DOS ESTUDANTES
DE EDUCAÇÃO FÍSICA - GRAU LICENCIATURA DA UNIVERSIDADE FEDERAL DE
UBERLÂNDIA

Trabalho de Conclusão de Curso da Faculdade
de Educação Física e Fisioterapia da
Universidade Federal de Uberlândia como
requisito de obtenção do diploma de
Educação Física - Grau Licenciatura.
Orientadora: Prof^ª. Dr^ª. Gabriela Machado
Ribeiro

Uberlândia-MG
2023

DICOTOMIA ENTRE O “BOM” E “MAU” ALUNO: PERSPECTIVA DOS ESTUDANTES DE EDUCAÇÃO FÍSICA - GRAU LICENCIATURA DA UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Faculdade de Educação Física e Fisioterapia da Universidade Federal de Uberlândia como requisito para obtenção do diploma de Educação Física - Grau Licenciatura.
Orientadora: Prof.^a Dr.^a Gabriela Machado Ribeiro

Uberlândia, 29 de agosto de 2023

Banca examinadora

Prof.^a Dr.^a Gabriela Machado Ribeiro - UFU/MG

Prof.^a Dr.^a Aline da Silva Nicolino - UFU/MG

Prof.^a Dr.^a Marina Ferreira de Souza Antunes - UFU/MG

AGRADECIMENTOS

A escrita desse trabalho me permitiu ver que sou capaz de atingir os meus objetivos. Mesmo reconhecendo as minhas falhas, limitações e dificuldades. Possibilitou-me concluir este ciclo de escolarização, revisitando minha trajetória e podendo entender e analisar os caminhos que me levaram até aqui.

Diante disso, gostaria de agradecer, primeiramente, a Deus, o qual propiciou e conduziu meu caminho para chegar até aqui. E isso se fez segundo o ditado que diz: “Deus escreve certo por linhas tortas”, assim Ele conduziu a minha caminhada. Que me proporcionou diversos aprendizados, conhecimentos e encontros.

Também sou grata a minha família que eu tanto amo, e que apesar de tudo me apoiou e me ajudou até aqui. Agradeço ao meu pai Fernando, minha mãe Alilia, minhas avós Ana e Maria, as minhas tias Eunice, Alzira e Terezinha, ao meu tio Zezinho e a minha querida irmã Isabella.

Agradeço também ao Paulo Davi e a minha madrinha Geralda (que foi minha professora durante o ensino fundamental), por terem-me comunicado que eu havia sido chamada na lista de espera. E ao Apolônio por ter me apresentado as oportunidades e vantagens de estudar numa Universidade pública.

Gostaria de deixar aqui meu agradecimento também a Marquinho e especialmente ao Sânio pela paciência e disponibilidade de me dar carona para transitar de Iraí de Minas a Uberlândia, durante quase 5 anos de graduação.

Na UFU, deixo meu agradecimento aos(as) professores(as) e servidores que me acompanharam ao longo desta jornada. E, em especial, a professora Gabriela, que se comprometeu a ser minha Orientadora e que tanto contribuiu para a minha formação.

Não podia deixar de agradecer aos colegas que fiz durante a graduação. De modo que foi um prazer conhecê-los e aprender junto a eles. Em especial agradeço as amizades que fiz, Victoria, Mariana, Renara, Lara, as quais deixaram a formação e a estadias em Uberlândia mais leve, divertida e prazerosa. Além de me proporcionarem momentos de alegria, companheirismo e conhecimento. E também agradeço as minhas amigas de longas datas Diuly, Ana Paula, Thabatta, Débora e a estrelinha Letícia, elas que sempre torceram por mim e eu por elas.

DICOTOMIA ENTRE O “BOM” E “MAU” ALUNO: PERSPECTIVA DOS ESTUDANTES DE EDUCAÇÃO FÍSICA - GRAU LICENCIATURA DA UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA

Resumo: O presente estudo tem como objetivo identificar se existe a dicotomia entre o “bom” e “mau” aluno na Educação Básica na perspectiva dos estudantes de Educação Física- Grau Licenciatura da UFU. Para isso, foi realizada uma pesquisa explicativa a partir da aplicação de um questionário entre os dias 29/11/2022 e 25/01/23 a estudantes do curso de Educação Física- Grau Licenciatura. Participaram do estudo 80 estudantes de todos os semestres em andamento. A partir dos resultados foi possível identificar características e expectativas atribuídas ao dito “bom” aluno e “mau” aluno. Em suma, mesmo afirmando não concordar com essa dicotomia os estudantes têm uma perspectiva sobre essa, a qual está ligada ao imaginário social, que se manifesta por meio destes estereótipos, que podem gerar preconceitos por parte do professor sobre o aluno e/ou por parte de um grupo de alunos em relação a outro.

Palavras chaves: Estereótipo; preconceito, formação de professores

Abstract: The present study aims to identify whether there is a dichotomy between the "good" and "bad" student in Basic Education from the perspective of Physical Education students - Bachelor's Degree at UFU. For this, an explanatory research was carried out from the application of a questionnaire between 11/29/2022 and 01/25/23 to students of the Physical Education course - Degree Degree. 80 students from all semesters in progress participated in the study. From the results it was possible to identify characteristics and expectations attributed to the so-called “good” student and “bad” student. In short, even saying they do not agree with this dichotomy, students have a perspective on this, which is linked to the social imaginary, which manifests itself through these stereotypes, which can generate prejudice on the part of the teacher about the student and/or by part of one group of students in relation to another

Keywords: Stereotype; prejudice, teacher training

LISTA DE TABELAS E ILUSTRAÇÕES

TABELA 1- Perfil dos participantes do estudo.....	15
TABELA 2- Levantamento das características atribuídas ao “bom” e “mau” aluno.....	17
GRÁFICO 1- Dados levantados dos possíveis aspectos que interferem no desempenho do estudante	23
TABELA 3- Levantamento das expectativas atribuídas ao “bom” e “mau” aluno.....	26
TABELA 4 - Respostas com as expectativas atribuídas ao “bom” aluno.....	28
TABELA 5 - Respostas com as expectativas atribuídas ao “mau” aluno.....	29
TABELA 6- Levantamento das características atribuídas ao “bom” e “mau” aluno nas aulas de Educação Física.....	33
GRÁFICO 2- Dados levantados dos possíveis aspectos que interferem na participação do estudante nas aulas de Educação Física	36

SUMÁRIO

1.	INTRODUÇÃO.....	8
2.	ASPECTOS METODOLÓGICOS.....	13
3.	RESULTADOS E DISCUSSÕES.....	15
3.1	Concepções sobre o "bom" e "mau" aluno.....	15
3.2	Concepções sobre o "bom" e "mau" aluno nas aulas de Educação Física.....	27
4.	CONCLUSÃO.....	37
5.	REFERÊNCIAS.....	38
	APÊNDICE A - Termo de consentimento livre e esclarecido.....	41
	APÊNDICE B - Perguntas do questionário.....	42
	APÊNDICE C - Planilha com as respostas do questionário.....	44
	APÊNDICE D - Quadro de categorização.....	45

1. INTRODUÇÃO

O trabalho, segundo Marx (1990) citado por Lopes Júnior, Moraes e Gonçalves (2020, p. 2) “é um processo entre o homem e a Natureza, um processo em que o homem, por sua própria ação, media, regula e controla seu metabolismo com a Natureza”. Considerando isso, pode-se dizer que a humanidade ao longo do seu percurso histórico, foi evoluindo ao ponto de, por meio do trabalho, ser considerado superior cognitivamente aos outros seres vivos. Por meio de nossas ações e relações, conseguimos a supremacia no Planeta Terra, realizando vários feitos que vão desde a domesticação de animais, criação de diversas culturas, às devastações de vegetações nativas e animais silvestres, construções de grandes centros urbanos, criação de instituições para que os saberes historicamente construídos pudessem ser compartilhados com as gerações futuras e, por meio delas, produzir novos conhecimentos.

Contudo, todas as produções humanas não partiram de uma única nação, e não aconteceram em um curto período. Tudo o que acontece hoje, foi feito e está constantemente sendo transformado pelo coletivo de todos os seres humanos que existiram, existem e os que virão a existir, no futuro.

Tendo em vista todo o percurso histórico da humanidade até os dias atuais e, também, aquele que ainda será construído, as ações feitas por nossa espécie podem nos atribuir o título de “operários/as”, no sentido de operar/trabalhar nas modificações do nosso mundo. Assim, cada ação e trabalho feito individualmente e em coletivo se interliga numa “rede” que mantém em constante ressignificação as ações humanas.

Os/as operários/as dessa rede, exercem suas funções de forma semelhante ao trabalho segmentado do sistema capitalista, assim como ilustrado no filme “Tempos Modernos”, de 1938 em que o personagem interpretado por Charles Chaplin é um funcionário de uma indústria e sua função é apertar parafusos. Esse não tinha a dimensão de como se dava todo o processo de produção de um determinado produto, por esse ser produzido de forma fracionada em diferentes setores da fábrica assim, também se faz a nossa atuação e compreensão dos fatos acontecidos durante nossa existência.

"Cada um de nós vive e trabalha numa pequena parte da superfície da Terra, move-se num pequeno círculo, e destas coisas familiares conhece somente alguns intimamente. Das ocorrências públicas que têm largos efeitos vemos, na melhor das hipóteses, somente uma fase e um aspecto" (LIPPMANN, 2010 apud JAKUBASZKO, 2015, p. 2).

Dessa forma, cada indivíduo, opera ao longo de sua vida um trabalho que contribui para a rede de controle da Natureza e ressignificação da humanidade, mas é incapaz de ter o conhecimento pleno de tudo que aconteceu, acontece ou que ainda está por vir.

Segundo alguns autores, como Engels e Leontiev, há duas ações constituintes da humanidade: primeiro o trabalho e em segundo a linguagem. Lopes Júnior, Moraes e Gonçalves (2020) a partir dos escritos de Engels (1983) explicam que primeiro manifestou-se o trabalho e rente a ele veio à linguagem, ambos contribuindo para a evolução da espécie humana. Leontiev (2004 apud Lopes Júnior, Moraes e Gonçalves 2020, p. 3) explicam que a “primazia do trabalho se refere ao fato dele servir como elemento de ligação entre o homem e a natureza”. Já, a partir de uma convicção marxiana de Lukács (2013, apud Lopes Júnior, Moraes e Gonçalves 2020, p.3), ressalta-se que “ser primeiro ou fundante não significa ser anterior, mas portador das determinações essenciais que constituirão o ser social”. Onde “em outros termos, o trabalho pode ser compreendido enquanto a potência criadora e a linguagem atuando como uma via primeira para a apropriação desta criação” (LOPES JÚNIOR, MORAES E GONÇALVES, 2020, p. 3).

A linguagem não apenas está relacionada à comunicação, mas segundo Lopes Júnior, Moraes e Gonçalves (2020), também se vincula com o pensamento por meio do qual percebemos o mundo sensível, o mundo das coisas concretas/existentes (Platão citado por Severino 2007, p. 85), de maneira que, o pensamento humano a partir do mundo sensível possibilita a construção de novos conhecimentos que contribuem na ressignificação da realidade e do mundo. Assim, a linguagem seria de acordo Lopes Júnior, Moraes e Gonçalves (2020, p. 3) baseado nos estudos de Luria (1991).

“Composta por um sistema de códigos, por meio dos quais é possível designar objetos, ações, qualidades e as possíveis inter-relações entre quaisquer desses aspectos. Com ela o homem consegue transmitir as informações assimiladas por meio da experiência acumulada pelas gerações precedentes”.

Por meio de seus signos, a linguagem permite ao ser humano criar conceitos, valores, funcionalidade, ideias, condicionantes, características e juízos, tornando possível, por meio da comunicação, que os sujeitos tenham acesso aos conhecimentos historicamente produzidos, permitindo a compreensão sobre o mundo em que incide (LOPES JÚNIOR, MORAES e GONÇALVES, 2020).

Em vista disso, a linguagem não é estática, ela sempre está em constante ressignificação, visto que segundo Jakubaszko (2015, p. 6).

“A linguagem foi e é socialmente modelada na prática social, e ao mesmo tempo em que influencia o comportamento dos homens e o desenvolvimento da cultura e do conhecimento, recebe influência em retorno e evolui como resposta. Ela é sem dúvida um dos elementos da cultura, e é também sua co-criadora.”

Diante da ideia de que cada indivíduo opera em uma parte pequena do Planeta Terra, além do tempo estimado de vida da humanidade ser relativamente curto para conhecer intimamente todas as coisas é que, por meio da linguagem foi desenvolvida a lente que ajuda os seres humanos a organizar o mundo e a vida através “generalizações da realidade sensível”, sendo essas generalizações, a elaboração de conceitos (LOPES JÚNIOR, MORAES e GONÇALVES, 2020, p. 7). Por sua vez, os conceitos padronizam e simplificam as comunicações, informações e os processos de entendimento, de forma a agrupar pessoas, coisas, acontecimentos entre outros, a partir de suas semelhanças e diferenças (JAKUBASZKO, 2020).

Os conceitos vêm para simplificar a nossa comunicação, ações e pensamentos, porém na vida cotidiana, as pessoas, sem tempo para analisar e compreender suas ações, se movem “com uma instintividade mecânica e pelo sentimento da familiaridade”, para facilitar sua atuação na humanidade (KOSIK, 1985, p. 76 apud JAKUBASZKO, 2020, p. 7). Essa mecanização e familiaridade dão origem a outras duas formas de generalização: o estereótipo e o preconceito.

As diferenças entre conceito, estereótipo e preconceito, se fazem basicamente pelo fato do primeiro se formar por meio de um viés objetivo e descritivo, o segundo se desenvolve partindo de afetividade e valores. Já o terceiro se fixa no estereótipo, porém é gerado a partir de uma ordem de poder, que pode resultar em discriminação e violências (JAKUBASZKO, 2020).

Os estereótipos e preconceitos estão ligados ao senso comum, este que por sua vez pode ser considerado como “o lugar em que circulam os discursos facilmente reconhecíveis. As ideias, opiniões do dia a dia, os pensamentos padronizados, socialmente admitidos, naturalmente aceitos” (JAKUBASZKO, 2020, p. 8). Sem uma análise ou questionamento, essas ideias e opiniões, que não possuem nenhum fundamento em conhecimentos científicos se fazem presente no cotidiano das pessoas que, sem tempo e/ou acesso a conhecimentos mais elaborados, reproduzem discursos carregados de valores, frutos da imaginação coletiva, que se tornam prejudiciais, ainda mais estando atrelados a preconceitos.

Ao enquadrar, rotular eventos e pessoas com aspectos que são caracterizados como estranhos, se cria uma barreira constituída de valores, afetos e julgamentos a partir de um vínculo com relações de poder e interesse gerando visões reducionistas. Pessoas que ao se

apegarem ao que lhe é familiar e negarem o estranho, podem gerar intolerância e ações discriminatórias àquilo que sai dos padrões criados por determinados grupos. Esse ato de não considerar a análise e o conhecimento sobre o diferente está dentro do conceito de preconceito.

De acordo com Heller (1989) “todo preconceito impede a autonomia do homem, ou seja, diminui sua liberdade relativa diante do ato de escolha, ao deformar e, conseqüentemente, estreitar a margem real de alternativa do indivíduo” (HELLER, 1989, p. 59 *apud* JAKUBASZKO, 2020, p. 10).

O preconceito produz uma relação com os estereótipos semelhantes ao inquilinismo que ocorre entre a bromélia e a árvore, em que a bromélia habita na superfície da outra planta usando-as como suporte. Assim o preconceito, também conta com o suporte dos estereótipos.

Os estereótipos, por sua vez, seriam como, apresentado por Jakubaszko (2020, p. 3) como “um mecanismo de reconhecimento fácil que simplifica nossa ação cotidiana”. Ainda, segundo o mesmo autor, estereótipos podem ser vistos como um modelo rígido criado por um grupo para padronizar e classificar outro grupo, sem considerar as intenções e os contextos para determinados comportamentos. Diante disso:

Estereótipos são generalizações operadas pelo pensamento e pela linguagem humana. São como moldes em que se encaixam visões de mundo; são rótulos, tipos, hábitos e comportamentos que reconhecemos e reproduzimos facilmente, automaticamente. Eles são transmitidos por meio da linguagem, dos discursos sociais, assimilados, na maior parte das vezes, de maneira inconsciente. Isso porque repetimos as tais categorias e padrões que herdamos das gerações anteriores sem refletir (JAKUBASZKO, 2020, p. 3).

Pensando nos estereótipos e em todas as questões que o envolve, é de importância analisar sua presença nas escolas. Segundo Miziescki e Feldhaus (2016) “os estereótipos fazem parte da realidade de muitas escolas, de forma enraizada, não somente nas paredes das salas de aula, mas de forma alicerçada na cabeça das pessoas (pais, professores, direção e sociedade em geral)”.

No Brasil, segundo a Lei de Diretrizes e Base da Educação Nacional nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, art. 22º. “A educação básica tem por finalidades desenvolver o educando, assegurar-lhe a formação comum indispensável para o exercício da cidadania e fornecer-lhe meios para progredir no trabalho e em estudos posteriores”.

Nesta direção, a partir desse artigo vale questionar: Qual tipo de cidadão queremos formar? Quais os conhecimentos serão fornecidos? E quais trabalhos os estudantes de agora exerceram no futuro?

Os questionamentos são importantes à medida que as escolas espelham aquilo que acontece no cotidiano de nossa sociedade. Sendo assim, ao adentrar o espaço escolar observa-se o quão presente se fazem discursos envolvidos por senso comum, em que estereótipos e preconceitos ganham força se manifestando por meio de rotulações, enquadramentos, ações discriminatórias, violência e falta de análise crítica sobre as situações.

Esse cenário, dentre tantos rótulos, também evidencia uma representação dicotômica dos estudantes, que os dividem, principalmente, dentro de duas classificações, os “bons” e os “maus” alunos.

Essa dicotomia, a partir dos estudos de Pinheiro (2007, p. 33), provém de uma tradição cultural de caráter judaico cristã, pautada em na oposição "entre as ideias de bem e mal, *Deus* e o *Diabo*, *Céu* e o *Inferno*, os *Escolhidos* e os *Condenados*, a *Luz* e as *Trevas*, o *Sagrado* e o *Profano*, o *Masculino* e o *Feminino* etc"(grifo do autor), segregado de forma dualista, o que seria certo e errado.

Dentro dessa visão, o "bom" aluno seriam aqueles estudantes considerados, disciplinados, silenciosos, estudiosos, que tiram as melhores notas, responsáveis etc. Já na descrição para os considerados “maus” alunos encontram-se termos como; desinteressados, irresponsáveis, bagunceiros, desobedientes, barulhentos, tem notas baixas, indisciplinados, dentre outros. Diante desse panorama, é fundamental questionar: O que está por trás dessa dicotomia? Seria a qualidade da educação pública? São questões sociais relativas aos alunos? Questões de gênero, etnia, sexualidade também estariam envolvidas? A formação dos professores? As metodologias de ensino? Quem são os sujeitos por trás de cada classificação? Quais as consequências desses estereótipos na vida dos/as estudantes? Esses, geram preconceitos? Os professores e funcionários das escolas estariam envolvidos na reprodução da dicotomia? De que modo essa dicotomia se faz presente nas aulas de Educação Física?

Diante disso, estabelecemos como **problema** desta pesquisa: O que envolve a dicotomia entre o “bom” e “mau” aluno na Educação Básica na perspectiva dos estudantes de Educação Física grau Licenciatura da Universidade Federal de Uberlândia? Assim, o **objetivo geral** é identificar se existe a dicotomia entre o “bom” e “mau” aluno na Educação Básica na perspectiva dos estudantes de Educação Física- Grau Licenciatura da UFU. Os objetivos específicos são: a) identificar se os estudantes de Educação Física têm uma visão dicotômica sobre os estudantes da Educação Básica; b) identificar quais características são atribuídas aos estudantes considerados “bons” e aos considerados “maus”; c) identificar se há diferenças entre as concepções dos estudantes de diferentes períodos do curso.

Acredito que esse tema deste trabalho seja importante para a área acadêmica, ao se tratar de uma questão que está diretamente ligada com a formação e futura atuação de docentes nas escolas. Principalmente depois de perceber que essa visão dicotômica estava presente em meu imaginário, mas também nos estudantes da minha turma no curso de Educação Física grau licenciatura. Essa observação se deu por meio de uma atividade realizada na disciplina de Psicologia da Educação, em que a professora solicitou que fosse indicado três características presentes nos "bons alunos" e outras três características para os considerados "maus alunos". Em seguida, as respostas foram socializadas com a turma, dentre elas, as palavras mais usadas para os ditos "bons alunos", foram; disciplinados, obedientes e calados. Por outro lado, as palavras mais usadas para definir os "maus alunos", foram: indisciplinados, bagunceiros e desinteressados.

Ao pensar nessas respostas referentes à dicotomia entre o "bom" e "mau" aluno, me fez lembrar do meu percurso pela Educação Básica, e notei o quão presente essa questão se fez em minha formação. E por acreditar que também se faz presente nos processos de ensino aprendizagem de diversos/as estudantes, é que me despertou o interesse de realizar essa pesquisa. A qual será capaz de trazer reflexões que contribua tanto com a área de Educação Física escolar, quanto para a formação de professores e no trabalho pedagógico.

Diante disso, meu intuito inicial era fazer uma pesquisa que fosse possível levantar dados sobre as perspectivas dos estudantes da graduação, quanto da Educação Básica sobre a questão da dicotomia do "bom" e "mau". Assim, participaria da pesquisa uma escola estadual da cidade de Iraí de Minas. Contudo, em função da pandemia, as demandas que ficaram acumuladas em virtude dela e a dificuldade para a realização da coleta de dados em outra cidade, ficou inviável. Logo, a pesquisa foi restringida apenas aos estudantes de Educação Física - Grau Licenciatura.

2. ASPECTOS METODOLÓGICOS

Este estudo trata-se de uma pesquisa do tipo explicativa, realizada a partir de abordagem qualitativa, por meio de uma pesquisa de campo.

A pesquisa explicativa segundo Gil (2002, p. 42) "têm como preocupação central identificar os fatores que determinam ou que contribuem para a ocorrência dos fenômenos". Para realizá-la foi aplicado um questionário em todas as turmas do curso de Educação Física – Grau Licenciatura.

O questionário possuía 23 questões, sendo 11 abertas e 12 de múltipla escolha. organizadas em três blocos: 1º - Caracterização sociodemográfica dos/as participantes; 2º - Estereótipos do “bom” e mau” aluno, com foco na Educação Básica; 3º - Estereótipos nas aulas de Educação Física.

A coleta dos dados aconteceu entre os dias 29/11/2022 e 25/01/23, de forma híbrida. Nas turmas do 2º, 4º e 6º períodos, a aplicação foi presencialmente, em sala de aula a partir da permissão e autorização, com antecedência, de duas docentes. Para os/as estudantes do 8º período, o mesmo questionário foi aplicado em formato online, em um formulário *googleforms*. Com essa turma foi adotado este procedimento devido à dificuldade de encontrar horários compatíveis entre os/as participantes para a aplicação conjunta do instrumento. Neste caso, o convite para participar do estudo foi feito via grupos e *whatsapp* e contatos privados.

Todos/as participantes assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) disponibilizado juntamente com o questionário. Conforme os apêndices A e B.

Na elaboração das perguntas do questionário buscamos, majoritariamente, não apresentar explicitamente a dicotomia do “bom” e “mau” aluno, porém não conseguimos nos desprender do termo “bom”. Por um lado, sendo essa dicotomia o nosso objeto de estudo, não caberia aqui utilizar outra terminologia, apesar de sabermos que isso traz uma visão simplificada da realidade. Entretanto, é a partir dessa visão simplificada e dualista que buscamos identificar alguns aspectos que possam estar encobertos. Por outro lado, não queríamos induzir /ao participante a referência do termo “mau”, e para isso reformulamos as perguntas no sentido de o participante responder a essas perguntas trazendo o oposto do que seria atribuído ao “bom”, mas sem apresentar a denominação de “mau”.

A análise dos dados baseou-se na Análise de Conteúdo proposta por Bardin (2016), seguindo os seguintes passos: pré- análise, organização do material, tratamento dos resultados.

Na pré- análise, houve a leitura dos questionários na íntegra, uma triagem se todos poderiam ser considerados. Na fase de organização do material, foi montada uma planilha, com a resposta de cada estudante. Para a análise das respostas abertas, elaborada uma tabela com duas colunas, de modo que na primeira foi posta a identificação do estudante (Ex: Estudante 2ºp 01), na segunda a resposta correspondente aos participantes. Em seguida foi feita a leitura das respostas para a identificação dos termos que mais se repetiam. Com base nisto, foi feita uma outra tabela com os descritores definidos e identificados com cores diferentes para facilitar a identificação desses nas respostas de cada estudante (ilustração nos

apêndices). A partir da organização desta organização foi feita a interpretação dos dados em diálogo com a literatura.

3. RESULTADOS E DISCUSSÕES

No estudo participaram 80 estudantes do curso de Educação Física - Grau Licenciatura, o que corresponde a 54,05% do total de 148 matriculados no período de aplicação do questionário. Conforme a Tabela 1, é possível observar que 60% dos/as participantes têm idades entre 18 e 21 anos, 31,25% entre 22 e 25 anos e 7,5% tem mais de 25 anos. Em relação ao gênero, 30 estudantes (37,5%) declararam ser do gênero feminino e 49 (61,25%) do gênero masculino. Do total, 41,25% estão cursando o 2º período, 21,25% o 4º período, 16,25% o 6º período e 20% o 8º período. Desses estudantes 52,5% são da cidade de Uberlândia, 33,27% são de outras cidades de Minas Gerais e 13,75% são de cidades de outros estados. Quanto aos que fazem algum estágio não-obrigatório remunerado são 48,75%, e os que não o fazem são 51,25%. Sobre a escolaridade dos participantes 40% declaram que estudaram majoritariamente em escolas públicas e 58,75% em escolas particulares.

TABELA 1- Perfil dos participantes do estudo

Questões Sociodemográficas	Alternativas	Nº	%
Idade	De 18 a 21 anos	48	60
	De 22 a 25 anos	25	31,25
	De 25 a 29 anos	4	5
	+ 30	2	2,5
	Não responderam	1	1,25
Gênero	Feminino	30	37,5
	Masculino	49	61,25
	Outra resposta	1	1,25
Período	2º Período	33	41,25
	4º Período	17	21,25
	6º Período	13	16,25
	8º Período	16	20
	Outra resposta	1	1,25
Cidade de origem	Uberlândia	42	52,5
	Outras cidades de Minas Gerais	27	33,27
	Cidades de outros estados	11	13,75
Estágio não-obrigatório remunerado	Sim	39	48,75
	Não	41	51,25

Escola	Pública	32	40
	Particular	47	58,75
	Não responderam à questão	1	1,25
Consideram-se bons alunos	Em partes	41	51,25
	Sim	38	47,5
	Não	1	1,25

Fonte: Elaborado pela autora

3.1 Concepções sobre o "bom" e "mau" aluno

Após perguntamos sobre a caracterização sociodemográfica dos participantes, direcionamos as perguntas no sentido de buscarmos levantar o que os/as estudantes entendem sobre os estereótipos de “bom” e “mau” aluno na Educação Básica. Assim, quando questionados se acreditam que existam “bons” alunos, 87,5% responderam que sim, 11,25% que não e 1,25% não respondeu à questão.

Em seguida foi solicitado que apontassem ao menos 3 características do “bom” aluno e somente um participante não respondeu à pergunta, demonstrando, que até mesmo aqueles que não acreditam que existam "bons" alunos, têm no imaginário os valores que são atribuídos a este estereótipo.

Isso se justifica, a medida que está relacionado com o **imaginário social**. Como explica Moraes (1997, p. 94) ,

“O imaginário social é composto por um conjunto de relações imagéticas que atuam como memória afetivo-social de uma cultura, um substrato ideológico mantido pela comunidade. Trata-se de uma produção coletiva, já que é o depositário da memória que a família e os grupos, recolhem de seus contatos com o cotidiano. Nessa dimensão, identificamos as diferentes percepções dos atores em relação a si mesmos e de uns em relação aos outros, ou seja, como eles se visualizam como partes de uma coletividade.”

Deste modo, mesmo aqueles que acreditavam não existir “bom” aluno, conseguiram atribuir características a este. Por tratar-se de uma produção cultural e coletiva, presentes nas memórias da sociedade logo, por fazermos parte dessa coletividade, não ficaram dissociados dessa construção. Mas cada um faz uma leitura diferente, a partir das atribuições recebidas do imaginário social, configurado a partir do convívio, cultura e memórias afetivas-sociais em que esteja inserido.

Tendo isto em mente, observamos as respostas sobre as características atribuídas ao estereótipo de “bom” e "mau" aluno, levando em consideração o que pensam sobre os estudantes da Educação Básica. A partir do levantamento das respostas foi identificado como

principais características para o "bom" aluno: a dedicação (41,25%) , cumprimento das obrigações (26,25 %) e atenção nas aulas (26,25 %) . E as características opostas ao “bom” aluno foram: indisciplina (bagunça) em 35% das respostas; desrespeito em 23,75%, ausência das aulas em 18,75% e descomprometimento em 20% das respostas, como é possível observar na tabela abaixo:

TABELA 2- Levantamento das características atribuídas ao “bom” e “mau” aluno¹

Descritores	Descritores mencionados (Nº de vezes)	Respostas em que os descritores foram mencionados (Nº)	Porcentagem de respostas (%)
Bom aluno²			
Dedicado	46	33	41,25
Cumpre as obrigações	21	21	26,25
Atenção	21	21	26,25
Respeito	19	14	17,5
Participativo	16	15	18,75
Frequência	15	14	17,5
Estudioso	12	12	15
Interesse pelo assunto/conteúdo	12	9	11,25
Comprometido	10	10	12,5
Responsável	9	9	11,25
Disciplinado	8	8	10
Nota	5	5	6,25
Curioso	4	4	5
Comportamento	5	5	6,25
Empatia	4	4	5
Organizado	4	4	5

¹ Vale ressaltar que em algumas respostas apresentaram palavras sinônimas, de acordo com o dicionário Sinônimos - Dicionário *online* de sinônimos. <https://www.sinonimos.com.br/>. Como podemos ver na resposta do participante do Estudantes 2ºp 16: Esforçado, dedicado, responsável. Segundo o dicionário consultado as palavras esforçado e dedicado, podem ser consideradas sinônimos. Assim, as duas foram contabilizadas dentro da classificação de “dedicação”. Outro exemplo são as palavras “bagunceiros” e “mau comportamento” que foram contabilizadas junto com indisciplinado.

² 1 resposta não foi de acordo com nenhum descritor e 1 participante não respondeu à questão.

Mau aluno	Criativo	2	2	2,5
	Indisciplina	29	28	35
	Desrespeito	21	19	23,75
	Ausência	20	16	20
	Descomprometido	18	16	20
	Desatenção	12	10	12,5
	Desinteressado	12	12	15
	Preguiça	10	8	10
	Conversador	8	8	10
	Irresponsável	8	8	10
	Desorganizado	6	6	7,5
	Nota baixa	5	5	6,25
	Desobediência	3	3	3,75
	Desonestidade	3	3	3,75
	Falta de participação	2	2	2,5

Fonte: Elaborado pela autora

Ao analisar os resultados das características apontadas na tabela acima, tendo em vista que imaginário social está ligada à memória afetivo-social de uma cultura, é necessário compreendermos como foi se construindo a cultura educacional brasileira.

Historicamente, aqui no Brasil as atribuições identificadas nas respostas dos/as estudantes, são reflexos de uma herança que vem sendo construída e ressignificada desde o início da colonização portuguesa, com a vinda das missões jesuítas voltadas para a educação da população portuguesa e “domesticação” e catequização dos povos originários e os povos africanos, na fé católica e nos regulamentos do Estado. Essa educação focava no sentido da “obediência” e “disciplina”, que seriam, naquele marco histórico, as características do 'bom' aluno, as quais estariam ligadas a forma submissa de “aceitar” as repressão e escravidão sofrida (PINHEIRO, 2007). É importante dizer que tanto os povos originários quanto africanos não tinham acesso à escola, portanto, esse tipo de educação, essa conduta era exigida no cotidiano, no exercício das funções de servir.

Durante o Império no Brasil (1500 a 1889), essa visão de educação dos corpos ainda se mantinha como apontado por Pinheiro (2007, p. 107),

Num país que era um império escravocrata e tinha no imperador a representação máxima do poder, os atributos que eram valorizados nos alunos não se alteraram muito em relação à educação jesuítica, com a **disciplina** sendo o grande objetivo a ser buscado, colaborando assim na formação de cidadãos **obedientes e submissos** ao imperador e demais líderes políticos (grifo nosso).

Na Primeira República buscava a partir dos princípios iluministas a "elevação" e "civilização" do povo, nos moldes europeus. Em que o bom aluno seria "civilizado", ou seja, submissos, apáticos, disciplinados e conformados com suas condições, no primário. “Especialmente se fossem filhos de trabalhadores pobres” (PINHEIRO 2007, p. 78).

Na Era Vargas, mesmo que a Educação tenha ganhado mais importância com a criação do Ministério da Educação Cultura e Saúde, ainda possuía uma visão elitista e meritocrática, pautada na "Disciplina" e "homogeneidade". Como é possível observar na fala do Secretário da Educação e Cultura da época do Distrito Federal Francisco Campos:

“Em dezembro de 1935, ao tomar posse do cargo de Secretário de Educação e Cultura do Distrito Federal, substituindo Anísio Teixeira, Francisco Campos fora enfático: “Chegamos a um estado em que no campo da educação é que as idéias trabalham pelo poder. A política de hoje é a política de educação. Nela, no seu campo de luta, é que se decidirão os destinos humanos”, ele também compartilhava da crença na educação como instrumento de transmissão de valores que permitiam a **homogeneização e disciplinamento** dos homens e das sociedades.” (PINHEIRO, 2007, p. 84-85, grifo nosso)

Com a queda da Era Vargas e o aumento da participação popular, a educação começa a ser pensada e defendida como uma forma de ascensão social. Diante disso, pela primeira vez desenvolveu-se “cursos populares de alfabetização de adultos e cursos técnicos populares. Todos estes cursos eram gratuitos e serviam como forma de politizar as massas” (PINHEIRO, 2007, p. 90).

Já na Ditadura Militar, segundo Pinheiro (2007, p. 108) a educação era "vista como um poderoso aparelho ideológico de estado e por isso divulgador da ideologia burguesa, sendo a escola reprodutora da sociedade, de suas misérias, e co-responsável pelas desigualdades sociais".

Segundo os estudos de Raasch et al. (2020) a partir das décadas 80 e 90 a educação brasileira passa a ser influenciada por políticas neoliberais. Que se pauta na meritocracia, atribuindo às crianças e jovens pressões sobre uma autorresponsabilidade de alcançar o sucesso “individual”. E que segundo o mesmo estudo.

A escola pública brasileira, ao adotar esse modelo pedagógico de influência neoliberal, descaracteriza-se enquanto difusora e socializadora da produção do conhecimento humano e histórico, ao passo que aprofunda o processo de alienação, que já existe na sociedade capitalista. Ela reforça o processo, ao invés de combatê-

lo. Volta-se, através do desenvolvimento de habilidades e competências úteis ao mercado de trabalho, à formação de indivíduos aptos ao trabalho, sem garantia de empregabilidade, num país que enfrenta o desemprego estrutural. (RAASCH et al., 2020, p. 9)

Diante desse breve retrato histórico sobre a configuração da educação brasileira, nota-se o quanto esta foi sendo construída através da disciplina dos corpos por meios de interesses político/econômico que privilegiam determinada classe social em detrimento da subordinação de outra. E que visões como essa ainda circulam no imaginário social, como podemos ver nas respostas dos Estudante 2ºp 09 e do Estudante 2ºp 19, ao apontarem as características do bom aluno.

*Estudante 2ºp 09 - "Um bom aluno para a sociedade é um aluno **quieto**, que presta atenção nas aulas e tira notas boas."*

*Estudante 2ºp 19 - "Para mim o bom aluno é aquele que segue os padrões da escola, como ir bem em todas as matérias, ter concentração e não questionar a **autoridade do professor**".*

E, também na forma com o Estudante 8ºp06 e o Estudante 8ºp14 atribui as características opostas ao bom aluno.

*Estudante 8ºp 06 - Conversador, **Difícil de lidar***

*Estudante 8ºp 14 - Conversador, **bagunceiro, burro***

Ressaltando aqui que o aluno seria um mero reproduzidor das concepções sociais que buscam disciplinar o sujeito, de modo a não se manifestar contrário a determinada ideologia e ao mercado de trabalho. Isto pensando na classe trabalhadora, pois à elite teria uma educação voltada para a sua manutenção em cargos de poder.

Essa disciplina do sujeito se faz oculta, ou podemos até dizer “natural” pois ela veio sendo mantida por todo o percurso da educação brasileira. Tanto é que, nas respostas, apenas 8 contém o termo disciplinado associado ao “bom” aluno. Entretanto, ao vermos as características opostas atribuídas ao “bom” aluno, nota-se que a indisciplina é o que está sendo mais apontado, aparecendo em 28 respostas.

Logo, a questão da disciplina se faz presente na percepção de mais participantes, mesmo não sendo apontado por eles, manifestando-se de forma oculta.

A crítica à disciplina que estamos fazendo aqui é em cima de uma disciplina ideológica de submissão/obediência que gera a desigualdade social de oportunidade, acesso aos direitos do sujeito. Pois quando se refere a disciplina de comportamento, esta faz parte do nosso processo de civilização, sendo necessária para se manter a ordem social. Tanto é que a disciplinarização contribui com um dos objetivos da escola que é o “preparo para o exercício

da cidadania” segundo a Lei nº 9.394 de 20 de dezembro de 1996. Porém essa, tem que ser pensada a partir de uma formação cidadã pautada no respeito, no sentido, no sentido de respeitar as normas de convívio social.

Em outras respostas evidenciam que o "bom" a aluno é aquele que se interessa, que tem compromisso e dedicação, que participa, é atento, organizado e estudioso. Além de ter um convívio escolar respeitoso e com empatia pelo próximo. Como pode-se observar nas seguintes respostas:

Estudantes 2ºp 23 - "Interagir com o professor e com o conteúdo durante as aulas, realizar todos os deveres dados pelo professor e ir em busca de mais conhecimento de forma autônoma".

Estudante 2ºp 27 - "Acredito que um bom aluno seja dedicado, responsável e estudioso".

Estudante 4ºp 04 -"Comprometimento, respeito, honestidade e criatividade".

Estudante 4ºp 15 -"Responsável, dedicado e participativo".

Estudante 6ºp 02 -"Faz as atividades propostas; presta atenção quando o professor ou alguém está falando; participação ativa nas aulas".

Estudante 6ºp 09 "O que faz tudo, o que não falta, o que está disposto ajuda o próximo".

Estudante 8ºp06 - "Fazer as atividades propostas, se dedicar majoritariamente a se desenvolver profissionalmente, ser proativo".

Estudante 8ºp 11 - "Estudioso. Organizador. Comprometimento".

Até aqui, essas características apresentadas nas respostas, como: comprometimento, honestidade, criatividade, dedicação, participação, responsabilidade, estudo e principalmente o respeito, seriam ideais até mesmo para pensar em uma educação, a qual o sistema escolar se organizasse para proporcionar um ambiente que fosse possível que o aluno se envolvesse no conhecimento científico. Mas não no sentido do modelo pedagógico proposto pela Escola Nova, em que a centralidade no processo de ensino-aprendizagem, estaria no aluno, de forma que ele ditaria o que seria estudado a partir de seu interesse, pois isto pode limitar o estudante a aprender novos conteúdos para além daquilo que faz parte do seu dia a dia. Mas que essas características viessem para pensar a educação a partir da Pedagogia histórico-crítico, de superar tanto o movimento escolanovista, mas também a pedagogia da escola tradicional, esta que pode ser definida como uma educação bancária, sendo o aluno um recipiente, que o professor deposita o seu conhecimento, utilizando de sua autoridade e do disciplinamento dos alunos (FREIRE, 1996). Logo, a Pedagogia histórico-crítico, viria no sentido de superação

destas duas pedagogias, buscando através da “problematização e a instrumentalização teórico-prática onde os alunos, com a mediação do professor, entrarão em contato com o saber construído historicamente, objetivando-se, ao fim, a conversão desses alunos em agentes ativos da transformação social” (ANDRADE; SANTOS; JESUS, 2019, p. 1).

Quando questionado se o "bom" aluno tem um desempenho diferente dos demais, 50% dos participantes responderam que sim, 42,5% responderam em partes e 7,5% responderam que não. Ao serem solicitados a justificar caso apontassem que esse comportamento é diferenciado, em linhas gerais, as respostas mostram que o desempenho do "bom" aluno pode ou não ser diferente, mas que ele o fará com dedicação, comprometimento, podendo ter mais facilidade em determinados conteúdos e obtendo melhores resultados nas notas. Como podemos ver nas seguintes respostas.

Estudante 2ºp 02 - "O 'Bom' aluno pode ou não ter um desempenho diferente dos demais alunos".

Estudante 2ºp 23 - " O considerado "bom" aluno, normalmente consegue ter uma maior assimilação do conteúdo, participação ativa nas aulas, interação externa com o conteúdo e conseqüentemente, maior afinidade com o conteúdo".

Estudante 4ºp 06 - "Acredito que mesmo o "mau" aluno, pode ter também um desempenho bom, nem sempre o seu caráter define o seu desempenho".

Estudante 4ºp14 - "Se ele é um bom aluno e ao menos se esforça para cumprir com suas obrigações (estudar, fazer lição), ele vai ter um desempenho diferente do que não é considerado bom estudante (não faz ou não se esforça)".

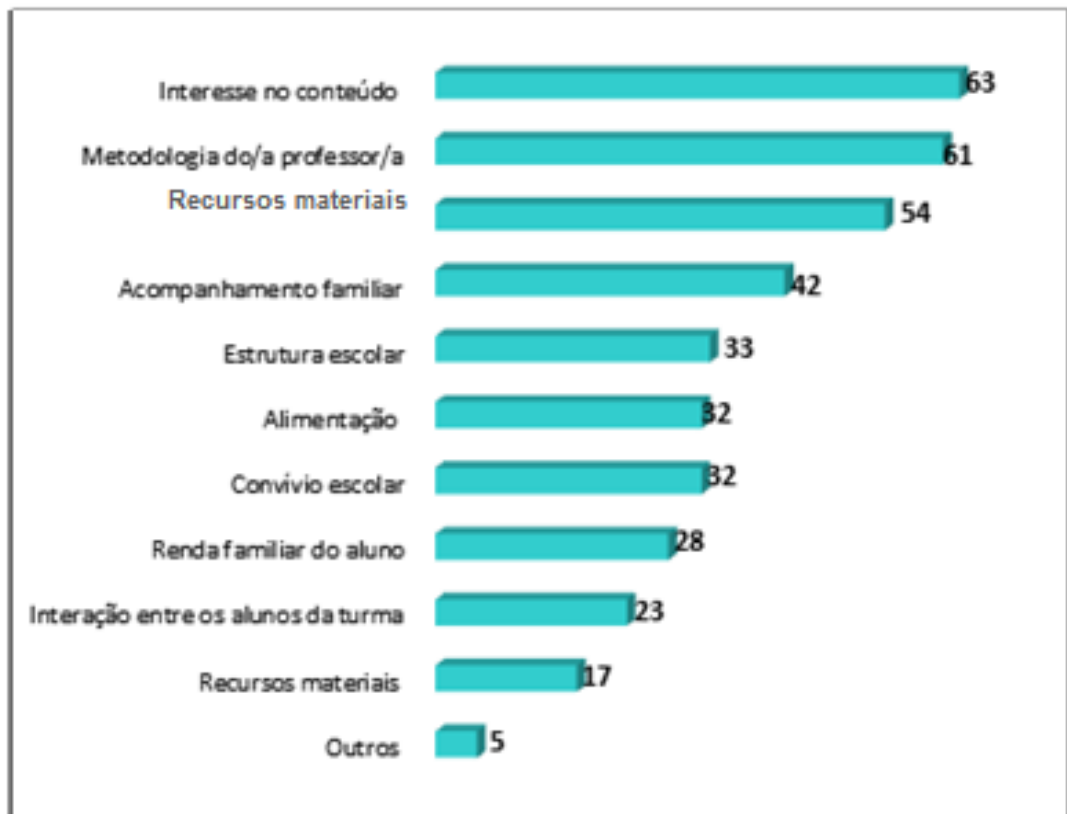
Estudante 6ºp 01 – “ Compromisso com estudo”.

Estudante 6ºp 04 - " O desempenho é consequência da dedicação do aluno, logo o aluno que mais se dedica se sobressai".

Estudante 8ºp 07 - "Relaciono o bom ao aluno a forma de ser, mas geralmente o bom aluno vem acompanhado com boas notas, um é consequência do outro, ou pode vir a ser".

Estudante 8ºp 16 - "Em razão da disciplina desse aluno e a depender também do seu tempo para os estudos, o desempenho escolar pode ser diferente dos demais alunos em razão da capacidade de aprendizagem daquele indivíduo".

Ao entendermos que esse desempenho não pode ser visto de forma isolada/descontextualizada da realidade que o aluno vive, foi incluída no questionário uma questão solicitando que assinalaram cinco possíveis fatores que mais interferem no desempenho do estudante. A partir das respostas chegamos no resultado explícito no gráfico abaixo:

GRÁFICO 1- Aspectos que interferem no desempenho do estudante

Fonte: Elaborada pela autora

É possível notar que neste levantamento que entre as opções, a alternativa interesse pelo conteúdo ensinado, foi a mais assinalada. Para pensarmos no interesse do aluno, temos que entender que isso está relacionado a dois tipos de motivação, a intrínseca e extrínseca, as quais segundo Tessele Neto (2012, p. 9), “a motivação intrínseca origina-se do próprio sujeito, inclui fatores internos, considera sua dedicação, satisfação e comprometimento, enquanto a motivação extrínseca é aquela proveniente de fatores externos, influenciados pelo ambiente no qual o sujeito está envolvido”. Dessa forma, acreditamos que todas as demais alternativas fazem parte da motivação extrínseca, que possam ser fundamentais para criar uma base para promover esse interesse pelo conteúdo. Como, por exemplo, a metodologia utilizada pelo professor para mediar o conteúdo, sendo apontado pelos participantes como o segundo fator que mais indicado. Estes dados salientam que, na compreensão dos participantes, que o papel do professor resulta na facilidade que o estudante possa ter com o conteúdo, contribuindo assim com o interesse deste. Por isso,

Hoje, não se pede um professor que seja mero transmissor de informações, ou que aprenda no ambiente acadêmico o que vai ser ensinado aos alunos, mas um

professor que produza o conhecimento em sintonia com o aluno. Não é suficiente que ele saiba o conteúdo de sua disciplina. Ele precisa não só interagir com outras disciplinas, como também conhecer o aluno. Conhecer o aluno faz parte do papel desempenhado pelo professor pelo fato de que ele necessita saber o que ensinar, para que e para quem, ou seja, como o aluno vai utilizar o que aprendeu na escola em sua prática social (OLIVEIRA .não tem ano.. p.4).

Porém, não se pode esquecer que muitas vezes, o trabalho docente no Brasil reflete a desvalorização do professor que, frequentemente , precisa trabalhar em duas ou mais escolas, e com turmas superlotadas, o que dificulta em sua atuação docente e na busca por uma formação continuada.

O acompanhamento familiar foi indicado por 42 respondentes, como sendo relevante. Possivelmente, as respostas devem ser no sentido de, juntamente com a escola, poder ajudar o aluno em suas dificuldades e situações adversas. Contudo o acompanhamento das famílias pode não ser "uma relação de colaboração, mas sim de cobrança, uma vez que não entendem o processo de ensino-aprendizagem" (OLIVEIRA, 2010, p. 104). Dentre as mazelas brasileiras, sabemos que nem todas as famílias dispõem de condições psicológicas, afetivas e econômicas para ajudarem seus filhos nesse processo de escolarização. Por isso, é importante o professor conhecer a família do estudante para saber orientá-la sobre a maneira que podem ajudar o aluno.

Além disso, é importante que o professor e a escola levem em consideração a família, pois segundo Oliveira (2010, p.101), "esta tem a tarefa de promover a socialização das crianças, incluindo o aprendizado de padrões comportamentais, atitudes e valores aceitos pela sociedade". Assim, é necessário entender que o aluno é em parte reflexo dos valores de sua família.

Ao pensar que o aluno traz consigo valores familiares e experiências diferentes. O maior desafio da escola segundo Pereira (2018 p. 4) é a construção da "empatia no processo de ensino-aprendizagem que perpassa a convivência". Pois, segundo o mesmo autor (2018, p. 4)

Em um ambiente escolar, o convívio social se faz a todo instante, muitas pessoas se encontram no mesmo espaço físico, mas com histórias de vida e credences diferentes. Tudo isso em um ambiente tão diversificado, onde existe a possibilidade de divergências conflituosas, pois cada um tem opiniões diversificadas sobre muitas situações do cotidiano. É nesse contexto que o conflito poder ser iniciado, pois o conflito de ideias é diverso.

Entretanto segundo Pereira (2018 p. 1) somos seres sociais e necessitamos do outro para sobreviver, nos reconhecer, reconhecer o outro e o mundo ao nosso entorno. "interagindo com o ambiente, apropriando-se do que já havia sido construído para continuar construindo

novos conhecimentos, pois não se produz conhecimento sozinho, mas sim na interação do sujeito com o objeto".

O ambiente escolar possui significados, afetividades e culturas, assim sendo, está permeado de signos, símbolos e marcas das pessoas que nele vivem, têm experiências, organizam e produzem. Logo, esse espaço precisa ser bem planejado, e com investimentos que contribua para que além de ser um espaço prazeroso que acolha os indivíduos, traga diversas possibilidades para a formação e aprendizado. Diante disso,

É perceptível a relevância da estrutura física das escolas para boas interações, vivências, práticas e conseqüentemente boa aprendizagem dos alunos. Para tanto, faz-se necessário a elaboração de políticas públicas que possam auxiliar desde a escolha do local onde uma escola irá funcionar até o seu funcionamento. Nesse processo também é relevante que os profissionais da educação possam ser ouvidos quanto a suas opiniões e experiências de como este espaço deve ser construído. (AMANCIO, 2021, p. 9)

Outro dado apontado como importante é a alimentação. A qual revela outra mazela de nossa sociedade, em que ainda hoje se faz necessário lutar pela garantia do básico. De modo que, muitas crianças vão à escola em busca de refeição e assistencialismo. Fazendo com que a aprendizagem fique em segundo plano. Já que em 2012, segundo a linha de pobreza considerada pelo Banco Mundial,

"Cerca de 62,5 milhões de pessoas (ou 29,4% da população do país) estavam na pobreza. Entre estas, 17,9 milhões (ou 8,4% da população) estavam na extrema pobreza. Foram os maiores números e os maiores percentuais de ambos os grupos, desde o início da série, em 2012"(IBGE, 2022).

Isto mostra que a escola sendo parte da sociedade é marcada por questões que perpassam o cotidiano daqueles que estão inseridos nestas instituições. Revelando a desigualdade de oportunidade e acesso dos estudantes brasileiros. De modo que, nos deparamos com cenários em que, por um lado temos escolas com excelente estrutura e recurso didático em abundância, e por outro encontramos escolas que nem sistema de saneamento básico possui. Ou que, de um lado a família busca contribuir de forma colaborativa com o ensino do/a estudante, e de outro os pais nem se informam se os filhos estão frequentando as aulas.

Temos também a convivência escolar, que se, por um lado nas escolas podem-se criar vínculos de amizade, em outros casos acontece a manifestação de violência, assédio, *bullying*, racismo e diversos preconceitos. Além disso, precisamos observar que dependendo da situação teremos alunos que vão às escolas em busca de conhecimento e outras em busca de assistencialismo. Tudo isso influencia na motivação extrínseca dos estudantes diante ao interesse que possam ter sobre determinado conteúdo.

E o problema de tudo isso é que todos os alunos, cada um com seus marcadores sociais, trajetórias e singularidades, são postos em uma corrida em busca do "sucesso". Sem levar em consideração o ponto de partida de cada um. Isso acaba gerando uma responsabilização sobre o indivíduo a respeito de seu "sucesso" ou "fracasso". O que se confirma nas respostas do questionário quando perguntado se existe alguma expectativa atribuída ao "bom" aluno. Sendo 82,5% das respostas assinaladas que sim, 12,5% em partes e 5% que não se tem nenhuma expectativa. E ao serem solicitados que apontasse quais seriam essas expectativas, as respostas se mostram dicotômicas para o "bom" e "mau" aluno. Em que para o "bom" aluno se espera o sucesso, boas notas e comportamento exemplar. Para o "mau" se espera o fracasso, baixas notas e a falha. Como se é possível observar na tabela a seguir:

TABELA 3- Levantamento das expectativas atribuídas ao "bom" e "mau" aluno

Descritores	Descritores mencionados (Nº)	Respostas em que os descritores foram mencionados (Nº)	Porcentagem de respostas (%)
Bom aluno			
Nota	27	26	32,5%
Sucesso acadêmico e profissional	26	26	32,5%
Exemplar/perfeito	22	21	26,25%
Comprometido/ interesse	13	12	15%
Comportamento/ obediência	8	8	10%
Desempenho	6	6	7,5%
Cobrança	6	6	7,5%
Facilidade	5	5	6,25%
Participação	3	3	3,75%
Mau aluno			
Sem expectativa profissional/ acadêmico	28	25	31,25
Baixo comprometimento	21	19	23,75
Nota baixa	16	15	18,75

Mau comportamento	15	14	17,5
Dificuldade	7	7	8,75
Baixo rendimento	6	6	7,5

Fonte: Elaborado pela autora

Inicialmente é válido ressaltar, que ao responderem sobre as expectativas atribuídas ao “bom” e “mau” aluno, assim como nas demais do questionários, ficou evidente que em diversas respostas os participantes usaram como referência as suas experiências durante a graduação, mesmo que o solicitado fosse que tivessem como referência o estudante da educação básica. O que revela o quanto aspectos vivenciados na educação básica se mantém presente ainda durante o ensino superior.

Considerando que os/as participantes do estudo são futuros professores, faremos aqui algumas observações sobre os dados nesta tabela, tendo em vista, não o olhar de estudante, mas sim de futuros docentes.

Um primeiro ponto a se observar é a nota com um indicativo de desempenho. Sendo apontado em 32% das respostas como esperado boas notas do “bom” e 18,75% que se espera baixas notas do “mau” aluno. Entretanto, o professor deve se atentar à forma de avaliar o ensino de modo, a superar a avaliação somativa.

Ao fazer uma analogia Pacheco (1998, p.119), explica que a avaliação é “o andaime que suporta todo o edifício escolar, sobretudo no campo da comprovação e hierarquização da aprendizagem e a nota é um valor intrínseco às práticas escolares, medindo unicamente a prestação dos alunos numa perspectiva de sucesso ou insucesso”. A lógica da avaliação somativa leva o professor apenas a ver o resultado quantitativo, sem atentar a investigar as causas que geram os resultados. Entendemos, porém, que a atuação docente deve buscar vir no sentido oposto, de forma a fazer uma avaliação formativa a qual avalia “a partir de um feedback contínuo que fornece informações para a recolha de dados” (PACHECO, 1998, p.116).

Ao adotar a avaliação formativa, o professor, ao longo do processo, analisa o que está sendo apreendido pelos alunos. Para isso, o professor deve elaborar um planejamento que o ajude a organizar o caminho que levará os alunos a atingirem as metas propostas. Alguns instrumentos para isso são: A estrutura curricular, o plano anual, a matriz dos conteúdos de ensino e a estratégia de ensino, que contribuem para a organização e sistematização dos conteúdos que serão desenvolvidos por intermédio do professor.

A partir disso, o professor consegue avaliar o processo de ensino-aprendizagem de modo constante, permitindo compreender as demandas dos alunos e ir alterando sua estratégia à medida que vão surgindo novas demandas, seja por reforçar um aspecto ou retomar algum conhecimento que esteja relacionado com o conteúdo, mas que os alunos ainda têm dificuldade, entre outras demandas. Entretanto, o que dificulta isso, muitas vezes são as condições de trabalho dos professores, principalmente nas escolas públicas, pois, se deparam com salas superlotadas, poucos materiais curriculares e baixa remuneração.

O sistema escolar e, conseqüentemente, o professor deveriam optar pelo processo de avaliação formativa, que traz uma compreensão maior sobre o percurso de ensino-aprendizagem, ao contrário da avaliação somativa, que se atenta ao resultado final e não ao processo. A avaliação somativa acaba hierarquizando e classificando os alunos a partir das notas, anunciando aqueles que tiveram um desempenho “melhor” e aqueles que tiveram um desempenho “pior”. Esse processo gera um enquadramento dos alunos com notas altas na classificação de “bons” alunos e os com notas baixas na de “maus” alunos.

O problema disso, resulta justamente nas expectativas apontadas pelos/as participantes na tabela sobre o “bom” e “mau” aluno. Ou seja, as comparações de sucesso e fracasso; comportamento perfeito/exemplar e mau comportamento; a cobrança sobre um e o baixo comprometimento do outro. O que gera de um lado uma cobrança para se corresponder às expectativas de ser exemplar /perfeito/ bem sucedido. E de outro lado à negligência e conformidade de que o “mau” aluno pode nem ter expectativas positivas. Como se podem ver em algumas das respostas dos/as participantes dessa pesquisa.

TABELA 4- Respostas com as expectativas atribuídas ao “bom” aluno

Participante	Resposta
Estudante 2ºp 01	Que ele seja sempre perfeito , sempre obediente , sempre bom em tudo e que justamente esse bom aluno sempre cumpra todas as expectativas colocadas sobre ele.
Estudante 2ºp 02	Você espera do bom aluno que ele não erre e que o desempenho dele nas aulas seja ótimo.
Estudante 2ºp 04	As expectativas são que eles sempre tiram notas boas e que após o ensino médio, eles se encaminhem para a faculdade .
Estudante 2ºp 05	Fazer uma boa faculdade e ser um(a) bom profissional .
Estudante 2ºp 28 Estudante 2ºp 32	Tirar boas notas , ser o exemplo da turma e ter uma boa conduta/disciplina .

Que ele vá **saber de tudo**, de todos os conteúdos

Estudante 4ºp 13	Os "bons alunos" passarão nos melhores cursos , arrumaram empregos melhores e uma ótima condição financeira .
Estudante 4ºp 14	Que ele seja " alguém " na vida, consiga fazer uma faculdade , ter um bom emprego , um bom salário e seja bem-sucedido.
Estudante 4ºp 15	O bom aluno não pode "errar" , pois se espera sempre as melhores coisas dele, e qualquer deslize já é uma quebra de expectativa .
Estudante 6ºp 01	Passar em primeiro lugar em concurso público
Estudante 6ºp 03	Sim, principalmente dentro do grupo familiar , a pressão de que aquele bom tem que entrar em alguma faculdade , ele se sente obrigado e pressionado pela família .
Estudante 6ºp 04	Que seu rendimento seja superior aos demais
Estudante 6ºp 08	Com certeza o bom aluno após formado será bem sucedido no mercado , lembrando que existem poucos bons alunos .
Estudante 8ºp 05	Seguir sendo sempre um dos melhores alunos(as) e conseqüentemente ser aprovado nos processos seletivos em que fizer parte
Estudante 8ºp 13	O "bom" aluno é mais cobrado pelos(as) professores(as) e pela escola , gerando expectativa para ambos.
Estudante 8ºp 17	Que ele seja sempre o melhor da turma, que não faça bagunça , que seja educado .

Fonte: Elaborado pela autora

TABELA 5 - Respostas com as expectativas atribuídas ao "mau" aluno

Participante	Resposta
Estudante 2ºp 01	Que esse aluno não vai ter o comportamento exemplar e a crença de que esse aluno pode errar
Estudante 2ºp 08	Não costumam criar expectativas para eles, e quando criam é sobre passar o ano escolar .
Estudante 2ºp 11	Só conversa nas aulas, atrapalha, falta
Estudante 2ºp 15	Que ele não vai ter muito interesse em aprender o conteúdo.
Estudante 2ºp 23	Conversas fora do conteúdo durante as aulas, preguiça das atividades,

	desrespeito para com o professor e falta de interesse por não gostar de estudar
Estudante 2ºp 28	Tirar notas ruins, não se dedicar e ser o " exemplo " a não ser seguido
Estudante 4ºp 13	Não farão faculdade e irão trabalhar em qualquer emprego que aparecer.
Estudante 4ºp 14	Ele não vai nem conseguir acabar a escola, muito menos conseguir ingressar em uma faculdade, não vai ter um bom emprego nem ser bem sucedido.
Estudante 4ºp 16	Que ele não seja aprovado e que " não dê certo na vida "
Estudante 6ºp 01	Nenhuma
Estudante 6ºp 09	Ruins , uma vida a base de um emprego um que não terá nem de longe o mesmo conforto dos "bons" alunos
Estudante 6ºp 11	Indisciplinado, bagunceiro, inquieto
Estudante 8ºp 05	Que ele(a) nunca irá melhorar , e que não conseguirá um bom futuro
Estudante 8ºp 10	Fazer bagunça, ser relaxado, não ver a educação como algo que vá influenciar sua vida futura
Estudante 8ºp 13	Não acredito que existam expectativas positivas em relação ao "mau" aluno

Fonte: Elaborado pela autora

Nota-se uma cobrança no “bom” aluno para corresponder às expectativas de ser exemplar/perfeito não podendo errar, tendo que atingir todas as expectativas depositadas sobre ele, justamente para trilhar um caminho em busca de um status de sucesso. Entretanto, até onde vai o bem estar desse aluno perfeito? É importante fazer esse questionamento, pois se é cobrado algo sem fundamento, já que nenhum ser humano é perfeito, pronto e acabado.

Justamente por isso, estamos em constante construção, sendo uma das funções da escola possibilitar conhecimento que vão nos construindo, transformando e ressignificando, de forma que, ao longo da vida, possamos nos desenvolver tanto fisicamente quanto intelectualmente, até se findar com a morte. Ou seja, não tem como ser perfeito. Então, por que esperar isso de um aluno? Estaria esta expectativa ligada novamente à disciplina, a se submeter a atender determinado padrão e papel social?

Segundo os estudos de Pinheiro (2007, p. 48) isto estaria ligado ao surgimento do sistema escola ocidental no século XIX, estando relacionado com os resultados frutos da Revolução Industrial. De modo que a ideia de “bom” aluno, o aluno perfeito atenderia ao requisito de “trabalhador adaptado ao novo sistema produtivo, aos rigores das atividades

fabris, que em muito diferiam do seu passado de artesão, e principalmente à idéia de cidadão que respeitasse o poder político da república e se vinculasse à nação.”

Considerando as respostas dos participantes, podemos presumir que essa expectativa sobre o “bom” aluno, ainda estaria relacionada à formação do trabalhador apto a demanda do mercado de trabalho. Porém, com um novo fator fruto dos ideais iluministas que seria a possibilidade de uma ascensão social. Assim, o estudante buscaria o seu melhor, os melhores desempenhos, pois seria através de sua capacidade individual diante dos estudos que o levaria a mudar sua condição social e financeira. Criando-se um status de sucesso, este vinculado às premissas do sistema capitalista, em que o sujeito é reconhecido pela sua profissão, ou melhor,

“Pela profissão de alguém, costumamos projetar mentalmente qual o seu padrão de vida (capacidade de compra e de consumo), sua posição política, seus hábitos, dentre outros. Desse modo, não é difícil imaginar porque, atualmente, o conceito de sucesso está profundamente vinculado a carreira e bens (propriedades)” (FERRAZ, 2020, p. 73).

Como podemos observar nas respostas dos participantes dessa pesquisa, essa interpretação de que o sucesso está ligado a um determinado padrão de vida, se faz tão presente em nossa sociedade que por meio das próprias respostas se é possível perceber um caminho que leva ao “sucesso”. O qual seria ter boas notas na Educação Básica, ir para a faculdade, ter um emprego que lhe possibilite um padrão de vida, com alto retorno financeiro que permite ter propriedade e capacidade de compra e consumo. Assim como foi ilustrado na animação de Linus e Charlie Brown³, que mostra uma conversa entre os dois amigos a respeito do propósito da escola. Em Charlie Brown questiona ao amigo qual seria o proposto da escola, e Linus responder que seria tirar boas notas para passar de ano, depois ter boas notas para ir à faculdade e depois ter um bom emprego, para depois poder se casar, ter filho e mandar os filhos para uma boa escola, para que eles reproduzam a vida dos pais, de irem à escola tirar boas notas, irem para faculdade e assim por diante. O que é tão naturalizado como podemos ver na resposta do Estudante 4ºp 14: *“o bom depois de passar por todo esse processo predeterminado a ele, o mesmo seria considerado "Alguém na vida”*.

A consequência disso é pensar naqueles que são considerados “maus” alunos. Eles não seriam dignos de ter/ser alguém na vida? Como aponta o Estudante 4ºp 16 dizendo que *“ não dê certo na vida”*. O que restaria pra ele? *“Trabalhar em qualquer emprego que aparecer”* como disse o Estudante 4ºp 13? Não seria todo trabalho importante? Por que uns são mais valorizados que outros?

³ Disponível em: [Linus e Charlie Brown - O propósito de ir para a escola](#)

Isso ocorre, segundo Ferraz (2020, p. 80 apud MARX, 2013) “porque o trabalho humano é objeto de mercantilização/exploração”. Por isso que, no sistema vigente algumas profissões são inferiores a outras. Tornando-se estes os supostos destinos dos “maus” alunos. E para acentuar essa desqualificação, aqueles que desempenham esses papéis são considerados fracassados. O que é algo muito forte e cruel!

Tendo em vista que o sucesso está limitado a algumas atuações profissionais, há três variantes para que o sujeito não atinja o sucesso. A primeira é a falta de reconhecimento e valorização dos diversos trabalhos devido ao sistema capitalista. O segundo é o fato de que determinados sujeitos não terem o interesse em atuarem nesses ofícios. Terceira a meritocracia presente para se atingir esse *status*. A qual segundo Ferraz (2020, p. 70) partir dos estudos em Dardot e Laval (2016), estaria ligada à lógica neoliberal, a qual “tem levado as pessoas a crerem que o sucesso se relaciona ao mérito individual, com a sua própria capacidade de galgar ascensão social, a chamada meritocracia”.

Tal concepção, ainda tem muita força nos meios educacionais atuais e na sociedade como um todo. Basta verificar a algazarra que se cria em torno dos primeiros colocados nos grandes vestibulares e exames como o ENEM, a cada ano, onde se exalta ao máximo os merecidos méritos dos indivíduos, mas se esquece dos demais fatores que podem ter contribuído para o seu sucesso (PINHEIRO, 2007, p. 49).

Os estudantes diante dessa meritocracia são postos em competição numa corrida para alcançar um sucesso utópico com colocações limitadas, porque além de ser para poucos, ainda são hierárquica. E o fator determinante dessa corrida é que os sujeitos não saem de um mesmo ponto de partida. A largada de cada um irá depender do percurso histórico de cada, as oportunidades que tiveram, de suas origens e identidades: quem são, pretos, branco, indígenas, pobres, ricos, ribeirinhos, da comunidade LGBTQUIAP+, pessoas com deficiências, órfão etc, assim como da educação escolar que tiveram, pública, particular, rural, militar, com boa infraestrutura de recurso ou não. Destes, aqueles que tiverem melhores condições, acesso, oportunidade, que se assemelham ao padrão europeu, saem na frente.

Aqueles, que são em nossa sociedade discriminados, desvalorizados e marginalizados, saem atrás e ainda mais atrás dependendo da trajetória individual de cada um e são postos à prova para atingir um sucesso seletivo. Isso mostra o quão acentuada é a desigualdade social e a forma como a própria educação colabora para selecionar e sentenciar o futuro e os espaços de atuação profissional de cada um.

Uma das formas de estabelecer essa “sentença” é determinada por parte dos professores e da visão reducionista que podem ter diante da classificação dos alunos como

bons ou maus. Isso acontece como comentado no início do texto, por meio da linguagem que simplifica nestes dois conceitos, algo que é maior e mais complexo, justamente para atender a rotina corrida e as grandes demandas que vêm com ela. O erro em se fazer isso é que o professor pode estar predeterminando o futuro do aluno, apenas avaliando se ele é bom ou mau aluno.

Mesmo que como já foi apresentado aqui, há diversas questões que influenciam no desempenho do aluno, como: alimentação, metodologia, infraestrutura escolar e acompanhamento familiar. Portanto, o professor deve se atentar a não ver seus alunos de forma simplificada, a partir de seu imaginário social, que atribuem o estereótipo ao “bom” aluno, mas que gera preconceitos ao “mau” aluno. Preconceitos estes, que podemos observar nas respostas da tabela 5.

3.2 Concepções sobre o “bom” e “mau” aluno nas aulas de Educação Física

Ao serem questionados se já ouviram as expressões de “bom” e “mau” aluno nas aulas de Educação Física, 85% assinalaram que sim, 12,5% que não e 2,5% não responderam à questão. Em seguida, ao responderem sobre se concordam com esse estereótipo (que como vimos pode também ser um preconceito), 78,75% responderam que não concordam, 18,75% que concordam e 2,5% não responderam.

Também foi solicitado que apontassem três características para os considerados “bons” e “maus” alunos nas aulas de Educação Física. O intuito desta pergunta era fazermos uma comparação e sabermos se atribuem para as aulas de Educação Física características diferentes similares às apontadas de forma geral para todas as disciplinas. A partir dos dados elaboramos a seguinte tabela:

TABELA 6- Levantamento das características atribuídas ao “bom” e “mau” aluno nas aulas de Educação Física

Descritores	Descritores mencionados (Nº de vezes)	Respostas em que os descritores foram mencionados (Nº)	Porcentagem de respostas (%)
Bom aluno			
Comprometimento/ dedicado/ interesse	72	53	66,25
Participativo	71	54	67,5
Bom relacionamento/Respeito e	19	19	23,75

	inclusão		
	Facilidade nos esportes	14	12 15
	Disciplina/ Comportamento	9	9 11,25
“Mau” aluno			
	Não é participativo/ preguiça	65	44 55
	Não Comprometimento/não é dedicado/ desinteresse	57	41 51,25
	Dificuldade de relacionamento/ desrespeito	38	28 35
	Indisciplina. Mau comportamento	23	21 26,25
	Dificuldade nos Esportes e atividades	7	7 8,75

Fonte: Elaborado pela autora

A partir da comparação entre a Tabela 2 e a Tabela 3, nota-se que, características como, dedicação, interesse, comprometimento, respeito e participação, continuam presentes na definição do “bom” aluno. Assim como, descomprometimento, desrespeito, indisciplina, mau comportamento, desinteresse, não participativo, preguiçoso, entre outras se mantêm na descrição do “mau” aluno. Todavia, a participação, ou a falta dela, ganharam mais destaque pensando nas aulas de Educação Física estando presente em 67,5% das respostas.

Características como facilidade nos esportes, inclusão e respeito às dificuldades dos outros ou o oposto disso que seriam a dificuldade nos esportes, segregação e desrespeito com as dificuldades dos outros, apareceram diferentemente da tabela 2 que não trouxe esses dados.

Algo interessante a se observar nas respostas, foi o decréscimo ao longo dos períodos sobre a visão do bom aluno ser habilidoso nas práticas esportivas. Ao ver que no 2º período se teve 8 respostas referente a essa característica. No 4º período foram 4 respostas e no 6º período somente uma, apesar de que o participante teve como referência o aluno de graduação em Educação Física, e nenhuma do 8º período. A seguir veja algumas destas respostas:

Estudante 2ºp 01 - Normalmente esse aluno é bom em esportes, tem um bom físico e tem condições físicas de participar das aulas propostas sem adaptação.

Estudante 2ºp 08 – 1) Joga todos os esportes, 2) extrovertido, 3) “famosinho”.

Estudante 4ºp 11 - Ser o melhor em todos os esportes ou brincadeiras.

*Estudante 4º p 16 - Participativo, **habilidoso** e comportado.*

*Estudante 6º p 01 - Ter interesse no conteúdo, ter certeza que é esse curso que ele quer, **dominar sobre esporte**.*

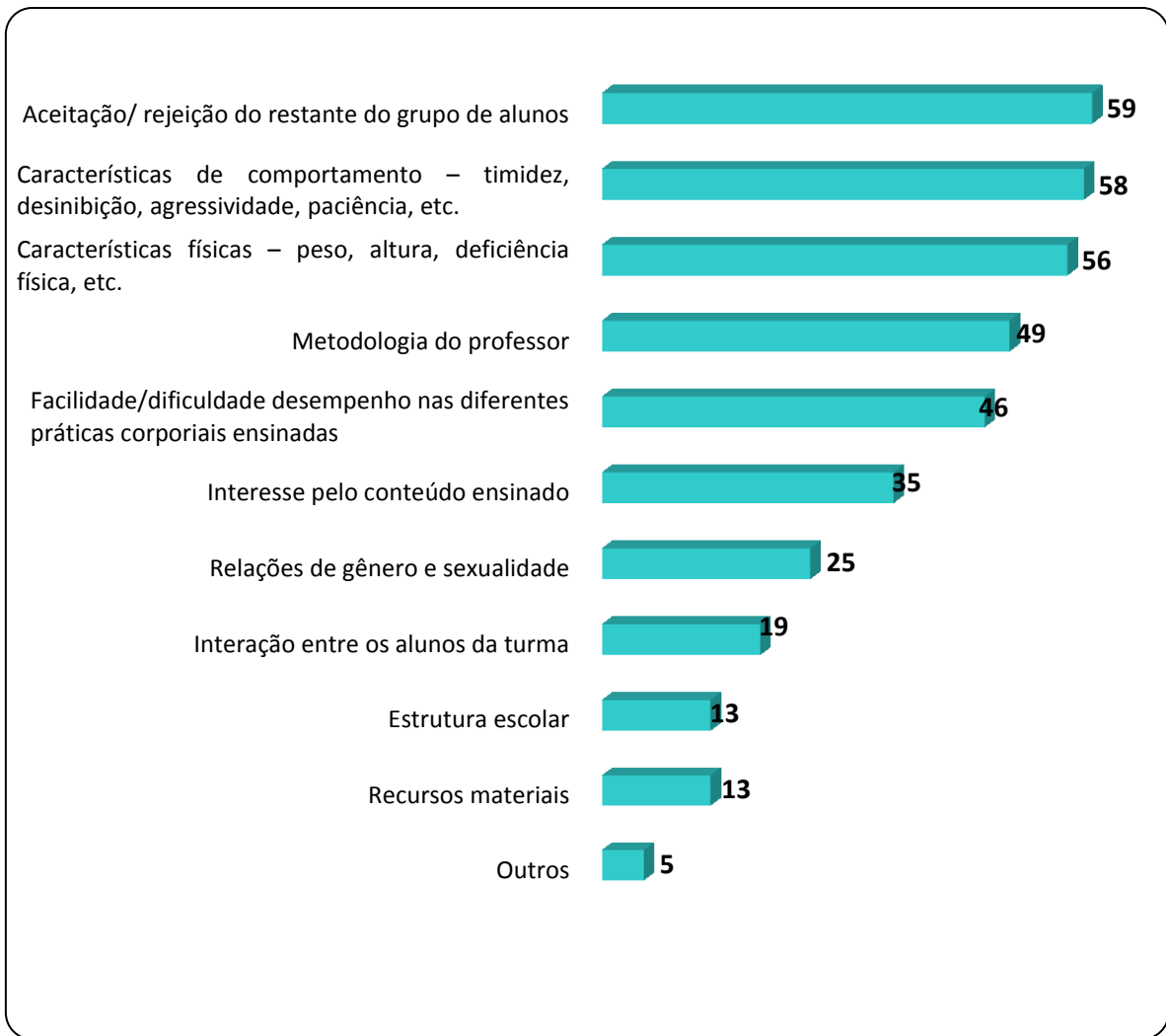
Com base nestas respostas é possível visualizar aulas de Educação Física que possam segregar aqueles considerados com menos habilidade, em que nem todos participem ou se envolvam da mesma forma nas atividades propostas.

Nas características do “mau” aluno apenas alguns estudantes do 2º período trouxeram que a dificuldades nos esportes seria uma destas características. Esse dado pode nos levar a entender que, ao longo da graduação, os demais foram superando uma visão do senso comum, de uma Educação Física escolar que, por muito tempo foi voltada para o alto rendimento, busca de bons desempenhos e considerava uns melhores do que outros.

Diversas respostas de estudantes perpassando desde o 2º ao 8º período trouxeram como característica do “bom” aluno a participação (envolvimento dos alunos), independente se sua habilidade e experiência motora é maior ou menos. Destacaram também a empatia, inclusão, respeito e colaboração com os demais alunos, nos mostrando o que pode ser uma superação/transformação das aulas de Educação Física escolar, já que as respostas são de graduandos, os quais poderão ser os futuros professores na educação básica.

Isso é algo positivo que irá contribuir para a qualidade da aula de Educação Física, de modo a garantir uma maior adesão e conforto, principalmente, nas vivências e realizações das atividades. Pois, diferente de outras disciplinas, em que tradicionalmente as aulas são desenvolvidas em sala de aula e, geralmente, os estudantes se encontram sentados em carteiras enfileiradas. A Educação Física escolar, ao abordar a cultura corporal requer uma grande interação entre os estudantes e exposição de suas características e comportamento motores. Logo, a visão que os futuros professores têm sobre o aluno influencia na participação destes durante as aulas. Ao serem questionados sobre fatores que interferem na participação nas aulas de Educação Física, obtivemos as repostas destacadas no gráfico abaixo:

GRÁFICO 2- Aspectos que interferem na participação do estudante nas aulas de Educação Física



Fonte: Elaborado pela autora

Nota-se, que as cinco alternativas que mais assinaladas foram: aceitação/ rejeição do restante do grupo de alunos com 59 indicações; características interpessoais com 58 indicações; características físicas com 56 indicações; metodologia do professor com 49 indicações e facilidade/dificuldade desempenho nas diferentes práticas corporais ensinadas com 46 indicações. Esses dados mostram que a participação nas aulas está muito ligada a forma que eu me vejo, a forma como o outro me vê, a forma como eu desempenho determinadas atividades e como sou vista fazendo aquilo.

Isso pode gerar um sentimento de julgamento do outro em relação ao seu corpo e sobre a forma como se desempenha determinada atividade. E com isso a metodologia do professor viria não somente para mediar a relação entre o aluno com o ensino, mas para mediar a relação que envolve, o aluno, o coletivo e o conhecimento.

4. CONCLUSÃO

Neste trabalho buscamos identificar se há a dicotomia entre o “bom” e “mau” aluno da Educação Básica na perspectiva dos estudantes de Educação Física - Grau Licenciatura da UFU. Para isto, foi aplicado um questionário que possibilitou identificar que a maioria dos/as estudantes participantes da pesquisa, afirma não concordar com a dicotomia, porém todos respondentes indicaram uma visão dicotômica de “bom” e “mau” aluno, demonstrando o quanto isso está presente no seu imaginário social. .

Este imaginário social é formado a partir de estereótipos, sendo carregados de valores sociais, levando a termos uma visão simplificada da realidade e ao mesmo tempo semelhante, pois como é possível perceber nas respostas dos/as participantes diversas características, atribuições e expectativas, foram expressas de forma parecidas, mesmo estes tendo características, origens e experiências escolares diferentes.

Isso foi possível observar na contraposição entre as características do “bom” e “mau” aluno e nas expectativas que se tem sobre os mesmos de forma que, nas respostas, o que escreveram sobre o “bom” aluno soava como algo positivo e ao “mau”, como algo negativo e em alguns casos até preconceituoso, atribuído e criando expectativas ofensivas.

Diante da visão geral sobre essa dicotomia em relação ao estudante da Educação Básica, nota-se que nas respostas, essa visão não se transforma no decorrer da formação uma vez que característica presentes nas respostas dos/as estudantes do 2º período, também foram identificadas em estudantes do 8º período revelando que algumas compreensões de senso comum ainda são mantidas ao longo do ensino superior.

Em contrapartida, ao se especificar nas abruptas mudanças entendimento sobre “bom” e “mau” aluno nas aulas de Educação Física mostra ser uma superação do estereótipo de senso comum que conhecemos que seria a definição do bom aluno como sendo aquele habilidoso e oposto a isso o desprovido de habilidades motoras. Embora essa compreensão tenha sido identificada em algumas respostas dos estudantes do 2º período, a partir do 4º, foi diminuindo ao ponto que no 8º período ninguém pontuou isso. Por outro lado, em todos os períodos houve respostas que traziam características de empatia, respeito ao outro.

Outro dado evidenciado na pesquisa é a presença de respostas que demonstram que ao invés de alguns participantes terem como referência o aluno da Educação Básica (como foi

solicitado no questionário), eles usaram como referência os alunos do ensino superior. O que nos leva a pensar que a Faculdade pode estar reforçando a dicotomia em questão, o que seria problemático pois tratando-se de curso de formação de professores esse tem como responsabilidade buscar ampliar a visão dos estudantes ao ponto de superá-la e não a reforçar essa visão. Se na faculdade não rompe e reproduz isso, estaria ela gerando impactos na Educação Básica?

Devido a pesquisa ser com estudantes de licenciatura, esse trabalho também buscou fazer uma reflexão sobre o trabalho docente, que apesar de ser algo extremamente complexo e, muitas vezes, conturbado pelas condições de trabalho, precarização e uma excessiva demanda tanto de alunos quanto de carga horária, deve evitar cair nas controvérsias dessa dicotomia, deve ter um olhar individualizado, ou pelo menos, não estereotipado de seus alunos.

Diante de alguma condição ou demanda do aluno, o professor sempre que possível, deve buscar ajuda e, quando necessário, um trabalho multiprofissional. Para isso, é indispensável investimentos na educação que possibilitem um ambiente adequado, tanto para o trabalho do professor quanto para a educação dos estudantes.

Espero que esse trabalho não fique engavetado no repositório da UFU e sim, que ele seja utilizado para pensar na formação de professores, de modo a avaliar a forma que os discentes e docentes pensam a respeito de seu olhar ao aluno e seu processo de ensino-aprendizado. E também que ele possa ser ponto de partida para novas pesquisas, seja para aprofundar em outros aspectos dessa discussão dicotômica de bom e mau aluno ou para discordar e trazer novos elementos que se opunham a este trabalho. Além de sugerir que esta pesquisa fosse realizada com os estudantes da escola básica, assim como era o meu intuito inicial desta pesquisa.

Pois assim, com mais estudo e conhecimento, fazendo a nossa parte como operárias da transformação contribuirão para ressignificação dessa “rede” que nos conecta.

REFERÊNCIAS

AMANCIO. G. M., OLIVEIRA. A. G., OLIVEIRA. D. D. L., A influência da estrutura escolar no processo de ensino- aprendizagem. In: Congresso Nacional da Educação, 7., 2021 **Anais**. 2021. Disponível em: <https://editorarealize.com.br/artigo/visualizar/80781>
Acesso em: 03 jun. 2023.

ANDRADE, L. G. S. B.; SANTOS, J.; JESUS, L. A. F. Aspectos gerais da Pedagogia Histórico-Crítica. **Educação Profissional e Tecnológica em Revista**, v.3, nº1, 2019 – Rede Federal de Educação Profissional, Científica e Tecnológica, 2019. Disponível: <<https://doi.org/10.36524/profept.v3i1.378>>. Acesso em: 12 set 2022.

BARDIN, L. Análise de conteúdo. 1º ed. São Paulo: Edições 70, 2016. 141p. Disponível em: <https://madmunifacs.files.wordpress.com/2016/08/anc3a1lise-de-contec3bado-laurence-bardin.pdf>. Acesso em: 19 ago. 2023

BRASIL. Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Dispõe sobre as diretrizes bases da educação nacional. **Presidência da República**: secretaria-geral. Brasília DF, 1996. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/seesp/arquivos/pdf/lei9394_ldbn1.pdf Acesso em: 20 mar. 2022

CINE ANTIGUA. Tempos Modernos (1936), de Charles Chaplin, filme completo em 720p e legendado em português. 2020. 1 vídeo (1h 26m). Disponível em:<https://www.youtube.com/watch?v=ZUtZ8q_vkKY>. Acesso em: 20 mar. 2022.

FERRAZ, J. M. A noção de sucesso na sociedade capitalista: entre o mérito e a impessoalidade no trabalho. **Revista SCRIBES**, Viçosa, v.1 n.2, p. 69-89, Jul.–Dez./2020. Disponível em: <<https://periodicos.ufv.br/SCRIBES/article/view/11241/6252>> Acesso em: 13 mar. 2022

FREIRE, P. Pedagogia do Oprimido. 84. ed. São Paulo: Paz e Terra.1996. 256p.

GIL, A C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. - 4. ed. - São Paulo: Atlas, 2002. Disponível em:<<https://home.ufam.edu.br/salomao/Tecnicas%20de%20Pesquisa%20em%20Economia/Textos%20de%20apoio/GIL,%20Antonio%20Carlos%20%20Como%20elaborar%200projetos%20de%20pesquisa.pdf>>. Acesso em: 13 mar. 2022

IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Em 2021, a pobreza tem aumento recorde e atinge 62,5 milhões de pessoas, maior nível desde 2012. Rio de Janeiro, 2022. Disponível em: <https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-noticias/2012-agencia-de-noticias/noticias/35687-em-2021-pobreza-tem-aumento-recorde-e-atinge-62-5-milhoes-de-pessoas-maior-nivel-desde-2012> . Acesso em: 03 mar. 2023.

JAKUBASZKO, D. Quebrando estereótipos e rompendo preconceitos na sala de aula. **Revista Espaço Acadêmico**, Maringá, v.14, n.168, mai. 2015. Disponível em: <https://periodicos.uem.br/ojs/index.php/EspacoAcademico/article/view/27293> Acesso em: 13 mar. 2022

LAGERLOF, L. Linus e Charlie Brown - O propósito de ir para a escola. 2016. 1 vídeo (1 min). Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=pKRtRvMvTEI>>. Acesso em: 22 abr. 2023

LOPES JÚNIOR, A.D.; MORAES, B. M.; GONÇALVES, R.M.P. Linguagem e formação de conceitos: uma leitura a partir da escola de Vigotski. **Forum lingüístic**, Florianópolis , v.17 , n.2 , p. 4 895 - 4908, abr./ jun. 2020 . Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/forum/article/view/1984-8412.2020v17n2p4895> Acesso em: 13 mar. 2022.

MIZIESCKI, M ; FELDHAUS, M. Desconstruindo estereótipos: arte, educação e experiência estética. *Criar Educação*. Criciúma, v. 6, nº 1, p. 1-17, jul./nov. 2016. Acesso em: 30 mar. 2022

MORAES, D. Notas sobre o imaginário social. **Revista ContraCampo**. Rio de Janeiro, v.9. n.01, p.93 - 104, 1997. Disponível em: <https://doi.org/10.22409/contracampo.v0i01.364>. Acesso em: 17/08/2023.

OLIVEIRA, C. B. E.; MARINHO-ARAÚJO C. M. A relação família-escola: intersecções e desafios. *Estudo psicologia*. (Campinas) 27, 99-108, 2010 . <Disponível em <https://doi.org/10.1590/S0103-166X2010000100012> >Acesso em: 03 jun. 2023.

OLIVEIRA, W. M. Uma abordagem sobre o papel do professor no processo ensino/aprendizagem. Disponíveis em: <https://www.inesul.edu.br/revista/arquivos/arq-idvol_28_1391209402.pdf>Acesso em: 18 abr. 2023.

PACHECO, J. A. Avaliação da aprendizagem. In ALMEIDA, Leandro S. ; TAVARES, José, org. - *Conhecer, aprender e avaliar*. Porto : Porto Editora, 1998. ISBN 972-0-34724-4. p. 111-132. Disponível em:<<https://repositorium.sdum.uminho.pt/handle/1822/8967>>Acesso em: 18 abr. 2023.

PEREIRA, D. L. C. Ambiente escolar. In: Congresso Nacional da Educação. , 5., 2018 **Anais**. Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologia. 2018. Disponível em: https://editorarealize.com.br/editora/anais/conedu/2018/TRABALHO_EV117_MD1_SA18_ID5010_05072018155607.pdf. Acesso em: 03 jun. 2023.

PINHEIRO, L. N. **A turma da primeira carteira: O imaginário sobre os bons alunos nas escolas públicas**. 2007. 259 f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Metodista de São Paulo, São Bernardo do Campo, 2007. Disponível em:<<http://tede.metodista.br/jspui/bitstream/tede/1084/1/PINHEIRO.pdf>>. Acesso em: 12 set. 2022.

RAASCH, P. T.; FILISBINO, F.; BRAATZ, K.; SOLER, R. D. V. O neoliberalismo na educação: O sujeito como empreendedor de si. In: Congresso Nacional da Educação, 7., 2020, Maceió. **Anais** [...]. Maceió: Centro Cultural de Exposições Ruth Cardoso, 2020. Disponível em:<https://editorarealize.com.br/editora/anais/conedu/2020/TRABALHO_EV140_MD1_SA5_ID7548_29092020202751.pdf>. Acesso em: 03 jun. 2023.

SEVERINO, A. J. **Filosofia**. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2007. 214p.

TESSELE NETO, L. J. **A participação nas aulas de Educação Física no ensino médio: Motivações intrínsecas e extrínsecas**. 2012. 38 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Educação Física) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2012. Disponível em: <<https://lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/70318/000875713.pdf?sequen>>Acesso em: 03 jun. 2023

APÊNDICE A

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Você está sendo convidado(a) a participar da pesquisa intitulada “A dicotomia entre o ‘bom’ e ‘mau’ aluno na perspectiva dos estudantes de Educação Física grau Licenciatura da Universidade Federal de Uberlândia”, sob a responsabilidade das pesquisadoras Gabriela Machado Ribeiro e Karen Cristina Rezende. Nesta pesquisa, estamos buscando identificar se há a dicotomia entre o “bom” e “mau” aluno da Educação Básica na perspectiva dos estudantes de Educação Física e grau Licenciatura da UFU e o que estaria por trás dessa dicotomia a partir da compreensão destes estudantes.

O Termo/registro de Consentimento Livre e Esclarecido está sendo obtido pela pesquisadora Karen Cristina Rezende, que está tendo o contato com você na aula do professor que deu abertura para aplicação deste questionário. Serão apresentados os objetivos da pesquisa, bem como esclarecidas possíveis dúvidas com relação aos procedimentos e garantia de sigilo que fez contato com você durante a aula, para consultá-lo sobre seu interesse ou não em participar da pesquisa. Mediante seu aceite, está sendo entregue o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) que, após a sua assinatura, será registrado e salvo, concluindo o seu aceite em participar do estudo. O questionário será aplicado respeitando a sua disponibilidade, a da pesquisadora e a liberação da/o docente em seu horário de aula. É importante ressaltar que você terá um tempo para decidir se deseja participar, se recusa e/ou desistir em qualquer etapa do estudo.

Na sua participação, você deverá: a) aceitar participar da pesquisa, o que corresponderá à assinatura do TCLE, o qual será impressa; b) Responder ao questionário. No qual você responderá 25 questões e o tempo de duração de torno de 10 a 15 minutos. Os dados da pesquisa serão armazenados em arquivo digital, sob guarda e responsabilidade das pesquisadoras, por um período mínimo de 5 (cinco) anos após o término da pesquisa e, excluídos definitivamente, passado este prazo.

Em nenhum momento você será identificado. Os resultados da pesquisa serão publicados e ainda assim a sua identidade será preservada por meio da adoção de códigos de identificação ou nomes fictícios e apenas as pesquisadoras terão acesso. A devolutiva dos resultados da pesquisa ocorrerá por meio de apresentação e discussão com os todos os participantes a ser realizada na instituição- FAEFI/UFU, após a conclusão da mesma, em data a ser agendada.

Você não terá nenhum gasto nem ganho financeiro por participar na pesquisa. **Havendo algum dano decorrente da pesquisa, você terá direito a solicitar indenização através das vias judiciais (Código Civil, Lei 10.406/2002, Artigos 927 a 954 e Resolução CNS nº 510 de 2016, Artigo 19).**

Os *riscos* consistem em provocar cansaço ou aborrecimento ao responder o questionário.

Os *benefícios e vantagens* consistem no conhecimento gerado pela realização desta pesquisa que poderá trazer reflexões que contribuirá com a área de Educação Física escolar, quanto para a formação de professores e no trabalho pedagógico. No sentido de buscar compreender e analisar o que perpassa essa dicotomia de “bom” e “mau” aluno e a forma como ela intervém no ensino aprendido dos/das estudantes.

Você é livre para deixar de participar da pesquisa a qualquer momento sem qualquer prejuízo ou coação. Até o momento da divulgação dos resultados, você também é livre para solicitar a retirada dos seus dados da pesquisa.

Uma via original deste Termo de Consentimento Livre e Esclarecido ficará com você. Em caso de qualquer dúvida ou reclamação a respeito da pesquisa, você poderá entrar em contato com: Gabriela Machado Ribeiro pelo e-mail gabimacrib@ufu.br e telefone (34) 98402-7212 e Karen Cristina Rezende pelo e-mail karerezende452@gmail.com e telefone (34) 9 9919-0766 ou Faculdade de Educação Física e Física e Fisioterapia na Rua: Benjamin Constant, 1286, Uberlândia- MG. Para obter orientações quanto aos direitos dos participantes de pesquisa acesse a cartilha no link: https://conselho.saude.gov.br/images/comissoes/conep/documentos/Cartilha_Direitos_Eticos_2020.pdf

Você poderá também entrar em contato com o CEP - Comitê de Ética na Pesquisa com Seres Humanos na Universidade Federal de Uberlândia, localizado na Av. João Naves de Ávila, nº 2121, bloco A, sala 224, *campus* Santa Mônica – Uberlândia/MG, 38408-100; telefone: 34-3239-4131 ou pelo e-mail cep@propp.ufu.br. O CEP é um colegiado independente criado para defender os interesses dos participantes das pesquisas em sua integridade e dignidade e para contribuir para o desenvolvimento da pesquisa dentro de padrões éticos conforme resoluções do Conselho Nacional de Saúde.

Uberlândia, de..... de 2022

Eu aceito participar do projeto citado acima, voluntariamente, após ter sido devidamente esclarecido.

APÊNDICE B
Perguntas do questionário

DICOTOMIA ENTRE O “BOM” E “MAU” ALUNO: PERSPECTIVA DOS ESTUDANTES DE EDUCAÇÃO FÍSICA GRAU LICENCIATURA DA UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA

Dados pessoais:

1. Idade;
2. Gênero;
3. Período/Semestre;
4. Cidade de origem;

5. Trabalha ou faz estágio não-obrigatório remunerado: () Sim () Não

6. Durante a Educação Básica você estudou majoritariamente em: () escola pública () escola particular

7. Você se considera um(a) bom(boa) aluno(a)? () Sim () Não () Em partes

Tendo em vista o seu conhecimento sobre os/as estudantes da Educação Básica responda as seguintes questões:

8. Você acredita que existem “bons” alunos? () Sim () Não

9. Quais são as características de um “bom” aluno? (Cite ao menos 3 características)

10. Quais são as características que este “bom” aluno **NÃO** possui? (Cite ao menos 3 características)

11. Levando em consideração a sua experiência como estudante ao longo da Educação Básica, você considera que a ideia de “bom/boa” aluno/a, costuma ser relacionada ao gênero do/a estudante?

() Sim () Não () Em partes

12. Se respondeu **sim** na questão anterior, qual? () Meninas () Meninos () Ambos

13. Você acredita que o “bom” aluno tem um desempenho diferente dos demais? () Sim () Não () Em partes

14. Se **SIM** de qual maneira esse desempenho é diferente?

15. No seu entendimento, marque no máximo 5 alternativas a seguir que interfere no bom desempenho do estudante?

() metodologia do professor

() estrutura escolar

() recursos materiais

() acompanhamento familiar

() interesse pelo conteúdo ensinado

() interação entre os alunos da turma

() facilidade/dificuldade do aluno diante o conteúdo ensinado

() renda familiar do aluno

() alimentação

convívio escolar

outros: _____

16. Para você, existe alguma expectativa atribuída ao “bom” aluno? Sim Não Em partes

17. De acordo com sua resposta anterior, quais são as expectativas em relação a este “bom” aluno?

18. Ainda, segundo as expectativas, quais seriam as associadas aos alunos que não possuem as características de um “bom” aluno?

Para responder as próximas respostas, tenha em mente as aulas de Educação Física escolar:

19. No seu entendimento, quais características tem o “bom” aluno nas aulas de Educação Física? (Cite ao menos 3 características)?

20. No teu entendimento, quais características o “bom” aluno **NÃO** tem nas aulas de Educação Física? (Cite ao menos 3 características)

21. Você já ouviu as expressões “bom aluno” e “mau aluno” nas aulas de Educação Física? Sim Não

22. Você concorda com esses estereótipos? Sim Não

23. No seu entendimento, marque no máximo **5** alternativas a seguir que interfere na participação dos estudantes da educação básica nas aulas de Educação Física?

características físicas – peso, altura, deficiência física;

características interpessoais – timidez, desinibição,

aceitação/ rejeição do restante do grupo de alunos

metodologia do professor

facilidade/dificuldade desempenho nas diferentes práticas corporais ensinadas

interesse pelo conteúdo ensinado

interação entre os alunos da turma

relações de gênero e sexualidade

estrutura escolar

recursos materiais

outros:

APÊNDICE C

Planilha com as respostas do questionário

TCC Karen - Dados da pesquisa 03.08 .XLSX Salvando...

Arquivo Editar Ver Inserir Formatar Dados Ferramentas Ajuda

100% R\$ % .0_ .00 123 Arial - 10 + B I A

A1 Estudante 2ºp 01

	A	B	C	D	E	F	G	H	I	J	K	L
1	Estudante 2ºp 01	19	Feminino	2º		sim	pública	Em partes	sim	Presta atenção nas aulas	Conversar fora c	Em part
2	Estudante 2ºp 02	19	Masculino	2º		não	pública	Em partes	sim	Cumpe com seus horári	---	não
3	Estudante 2ºp 03	19	Masculino	2º		não	particular	sim	sim	Fazer os trabalhos e as li	não faz suas liç	não
4	Estudante 2ºp 04	18	Masculino	2º		sim	particular	sim	não	Coprrreende a matéria, At	Não faz as ativic	Em part
5	Estudante 2ºp 05	19	Masculino	2º		não	particular	Em partes	não	Atenção nas aulas, partic	Desenteresse n	sim
6	Estudante 2ºp 06	19	Masculino	2º		não	pública	sim	sim	Ter empatia com o profes	Desrespeitar o p	não
7	Estudante 2ºp 07	18	Feminino	2º		sim	particular	sim	sim	Prestar atenção nas aula:	Atapalhar a aula	Em part
8	Estudante 2ºp 08	21	Feminino	2º		não	particular	Em partes	sim	1- Ter um entendimento b	1- conversar mu	não
9	Estudante 2ºp 09	19	Masculino	2º		não	particular	Em partes	não	Um bom aluno para a soc	Um aluno que ci	não
10	Estudante 2ºp 10	18	Feminino	2º		não	particular	Em partes	na	Aquele que se dedica aos	Se sentir superic	não
11	Estudante 2ºp 11	19	Feminino	2º		sim	particular	sim	sim	Um aluno esforçado, que	Aluno que falta r	não
12	Estudante 2ºp 12	21	Heterossexi	2º		não	pública	Em partes	sim	Estudioso, organizado, pr	descomprometic	não
13	Estudante 2ºp 13	19	Feminino	2º		não	particular	Em partes	sim	Não usa celular durante ε	Desinteressa na	não
14	Estudante 2ºp 14	18	Masculino	2º		não	pública	Em partes	sim	Presta atenção na aula, e	Desobediência, não	
15	Estudante 2ºp 15	19	Feminino	2º		não	pública	Em partes	sim	Participação das aulas, e	Vive faltando as	não
16	Estudante 2ºp 16	18	Masculino	2º		não	pública	sim	sim	Esforlado, dedicado, resp	Indisciplinado, irri	não
17	Estudante 2ºp 17	19	Masculino	2º		sim	pública	Em partes	sim	Ddedicado, frequencia, re	Sem compromis	Em part
18	Estudante 2ºp 18	25	Masculino	2º		não	pública	sim	sim	Participativo nas aulas, s	Indisciplina, deso	não
19	Estudante 2ºp 19	18	Feminino	2º		sim	particular	sim	não	Para mim o bom aluno é	Indisciplina, dificu	sim
20	Estudante 2ºp 20	19	Masculino	2º		sim	pública	sim	sim	Todo aluno para mim é ur	---	não
21	Estudante 2ºp 21	20	Masculino	2º		sim	pública	Não	sim	Focado, comprometido e	---	Em part

APÊNDICE D

Quadro de categorização

Comprometido	10
Notas - destacar em alguma matéria	5
Criativo	3
Dedicado/esforçado/ focado	46
Participativo	16
Cumprir as obrigações	21
Estudioso	12
Atenção	21
Respeito	15
Comportamento	5
Interesse	12
Responsável	5
E	3
Disciplinado	8
Frequência	15
Organizado	4
Empatia	4

Período	Respostas
Estudante 2ºp 01	Presta atenção na aula, estuda os conteúdos passados pelo professor, respeita o professor
Estudante 2ºp 02	Cumprir com seus horários, deveres e trabalha dentro da sala de aula
Estudante 2ºp 03	Fazer os trabalhos e as lições ensinadas pelo professor, estudar pelo menos um pouco da matéria e colaborar em algumas aulas através da participação
Estudante 2ºp 04	Compreende a matéria, Atento às falas do professor, comportamento
Estudante 2ºp 05	Atenção nas aulas, participar, estudar fora dos períodos de aula
Estudante 2ºp 06	Ter empatia com o professor, atenção com as explicações e comprometimento com os trabalhos e atividades
Estudante 2ºp 07	Prestar atenção nas aulas, fazer seus deveres e tirar boas notas
Estudante 2ºp 08	1 - Ter um entendimento bom de quase todos os assuntos. 2- Ser certinho "padrões instituídos pela sociedade"
Estudante 2ºp 09	Um bom aluno para a sociedade e um aluno quieto, que presta atenção nas aulas e tira notas boas
Estudante 2ºp 10	Aquele que se dedica aos estudos dando seu melhor, compreender suas dificuldades e aprende com elas.
Estudante 2ºp 11	Um aluno esforçado, que se dedica aos trabalhos, independente das dificuldades, presta atenção
Estudante 2ºp 12	Estudioso, organizado, presente nas aulas
Estudante 2ºp 13	Não usa celular durante a aula, lê os textos passados pelas professoras, não sai durante a aula e volta meia hora depois
Estudante 2ºp 14	Presta atenção nas aulas, estuda todo o material proposto e fazer todas as atividades